



**Joana  
Filipa da  
Costa  
Calisto**

## **Universidades da terceira idade e envelhecimento ativo**

A Academia dos Saberes de Aveiro e a Universidade Sénior de  
Cacia: construção de pontes

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação, área de especialização em Educação Social e Intervenção Comunitária, realizada sob a orientação científica do Professor Doutor Manuel Ferreira Rodrigues, Professor Auxiliar do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro.



## **agradecimentos**

Ao meu orientador, Doutor Manuel Ferreira Rodrigues; às Direções da Academia dos Saberes de Aveiro e da Universidade Sénior de Cacia, nas pessoas da Professora Doutora Cacilda Marado do Doutor Porfírio Ramos, respetivamente; a todos professores e alunos destas duas universidades seniores, por se terem disposto a responder ao questionário e a esclarecer as minhas dúvidas; aos meus professores do mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária, pelo que pude aprender com eles. À minha família, especialmente à minha irmã e ao meu cunhado, pela paciência e disponibilidade; não fossem essas ajudas, dificilmente chegaria até aqui. A todos, muito obrigada.



Dedico este trabalho aos meus pais, pelo exemplo, como pela abnegada  
generosidade de uma vida.



*O conhecimento torna a alma jovem  
e diminui a amargura da velhice.  
Colhe, pois, a sabedoria.  
Armazena suavidade para o amanhã*

Leonardo Da Vinci





**palavras-chave**

Terceira Idade, envelhecimento ativo, aprendizagem ao longo da vida, universidade de terceira idade, idoso, educação.

**resumo**

O presente trabalho insere-se no âmbito do estudo das Universidades da Terceira Idade, em Portugal, e da preocupação de um envelhecimento ativo e como este interatua com a educação. O projeto procura promover uma cooperação entre duas instituições preocupadas com o envelhecimento ativo: a Academia dos Saberes de Aveiro e a Universidade Sénior de Cacia. Por estar perante uma sociedade e um mundo envelhecido, é de nossa inteira preocupação entender o conceito “velhice” e o que é possível fazer para que esta fase da vida seja útil para quem a vive direta ou indiretamente. Para a credibilidade do presente trabalho, foram feitos inquéritos por questionário aos docentes, formandos e direções das Universidades acima descritas, dos quais se concluiu que é realmente necessário a cooperação de instituições desta natureza para que o crescimento das pessoas e das organizações seja possível.



**keywords**

Seniors, active aging, lifelong learning, seniors university, elderly, education

**abstract**

The present work is inserted into the Third Study Scope of Age in Portugal, and Active Ageing Concern and how this interacts with education. The search Project promote a cooperation between two Institutions concerned about the Active Ageing: Academia dos Saberes from Aveiro and University Senior Cacia Being by before a society and a world aged, our full concern is understand the concept of " old age " and how it is possible to do in this stage of life. This is useful for those who live and those of an operating system surrounds. For the credibilit labour were made questionnaire surveys to the teachers, trainees, and directions from the Universities of above, from which it concluded that it is really necessary cooperation of institutions of this nature for the growth of individuals and organizations as possible.



**o júri**  
presidente

Professora Doutora Rosa Lúcia de Almeida Leite Castro Madeira  
Professora auxiliar da Universidade de Aveiro

Professora Doutora Maria Cristina do Nascimento Rodrigues Madeira Almeida  
de Sousa Gomes  
Professora auxiliar da Universidade de Aveiro

Professor Doutor Manuel Fernando Ferreira Rodrigues  
Professor auxiliar da Universidade de Aveiro



## Índice

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>I. UNIVERSIDADES SENIORES E ENVELHECIMENTO ATIVO .....</b>	<b>23</b>
1. UNIVERSIDADES SENIORES: DAS ORIGENS À ATUALIDADE.....	25
1.1. <i>Origem remota das universidades seniores</i> .....	25
1.2. <i>Internacionalização</i> .....	26
1.3. <i>As primeiras experiências em Portugal no final do século XIX</i> .....	27
1.4. <i>Definições e caracterização das universidades seniores</i> .....	28
1.5. <i>Hesitações terminológicas: o conceito de Universidade Sénior</i> .....	31
1.5.1. A primeira geração: anos 1960 .....	33
1.5.2. A segunda geração: anos 1970 .....	34
1.5.3. A terceira geração: anos 1980 .....	34
1.5.4. As universidades da terceira idade na atualidade .....	35
1.6. <i>Oos alunos ou formandos e os professores ou formadores</i> .....	35
1.7. <i>Número de universidades seniores, sua distribuição geográfica e oferta educativa</i> ....	37
1.8. <i>Modelos de funcionamento</i> .....	37
1.8.1. O modelo francês.....	38
1.8.2. O modelo inglês .....	38
1.8.3. Modelos mistos.....	39
1.9. <i>Criação da Federação das Universidades da Terceira Idade em 1998</i> .....	40
1.9.1. A RUTIS ou a importância do associativismo das universidades seniores .....	40
1.9.2. Atividades da RUTIS .....	41
2. ENVELHECIMENTO ATIVO, EDUCAÇÃO E APRENDENDIZAGEM AO LONGO DA VIDA .....	43
2.1. <i>Um novo olhar sobre a terceira idade</i> .....	43
2.2. <i>Aprendizagem ao longo da vida</i> .....	44
2.3. <i>Educação ao longo da vida</i> .....	46
2.4. <i>Sociedade da Informação, do Conhecimento e da Aprendizagem</i> .....	48
2.5. <i>Declínio da grande família</i> .....	49
<b>II. AS ACADEMIAS SENIORES DE AVEIRO E CACIA .....</b>	<b>51</b>
2.1. A ACADEMIA DOS SABERES DE AVEIRO, 2004-2015 .....	53
2.1.1. <i>Os formandos da Academia dos Saberes de Aveiro</i> .....	54

2.1.2. <i>Diversidade de formadores e disciplinas da Academia dos Saberes de Aveiro</i> .....	55
2.2. UNIVERSIDADE SÉNIOR DE CACIA.....	60
2.2.1. <i>Os formandos da Academia dos Saberes de Aveiro</i> .....	60
2.2.2. <i>Diversidade de formadores e disciplinas da universidade Sénior de Cacia</i> .....	63
2.3. ANÁLISE DOS INQUÉRITOS .....	65
<b>III. PROPOSTAS DE COOPERAÇÃO .....</b>	<b>67</b>
<b>CONCLUSÕES .....</b>	<b>71</b>
<b>DOCUMENTOS E BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>73</b>
DOCUMENTOS .....	73
BIBLIOGRAFIA SOBRE ENVELHECIMENTO .....	73
BIBLIOGRAFIA SOBRE EDUCAÇÃO E UNIVERSIDADES SENIORES .....	75
BIBLIOGRAFIA GERAL .....	77
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>79</b>
APÊNDICE 1. QUESTIONÁRIO AOS FORMANDOS DAS INSTITUIÇÕES .....	80
APÊNDICE 2. QUESTIONÁRIO AOS DOCENTES DAS INSTITUIÇÕES.....	84
APÊNDICE 3. QUESTIONÁRIO ÀS DIREÇÕES DAS INSTITUIÇÕES .....	89
APÊNDICE 4. RESPOSTAS AOS QUESTIONÁRIOS AOS DOCENTES DAS INSTITUIÇÕES .....	90
APÊNDICE 5. RESPOSTAS AOS INQUÉRITOS POR QUESTIONÁRIOS .....	95
5.1. <i>Academia dos Saberes de Aveiro-Inquéritos aos formandos</i> .....	96
5.2. <i>Academia dos Saberes de Aveiro – Inquéritos aos formadores</i> .....	105
5.3. <i>Academia dos Saberes de Aveiro – Inquérito à direção</i> .....	111
5.4. <i>Universidade Sénior de Cacia – Inquéritos aos formandos</i> .....	118
5.5. <i>Universidade Sénior de Cacia – Inquéritos aos docentes</i> .....	126
5.6. <i>Universidade Sénior de Cacia – Inquéritos à Direção</i> .....	132



## INTRODUÇÃO

O período entre 1975 e 2025 foi denominado pela ONU como a *Era do Envelhecimento* (Si-queira et al, s.d., p. 899). Projetando o futuro para um “futuro envelhecido”, a necessidade de entender a “velhice” na sua plenitude aumenta consideravelmente para que seja possível melhorar a qualidade de vida dos seniores e de quem os rodeia. Assim, desmistificando o tabu da velhice, a sociedade poderá vir a tornar-se um sítio onde a compreensão e o respeito predominam, independentemente da idade.

Com o crescente envelhecimento da população portuguesa, a velhice e as suas representações constituem hoje temas científicos e culturais de grande relevo, tanto no mundo académico, como nos diversos domínios da *res publica*. Não era assim ainda há pouco tempo, mas agora o termo *envelhecimento da população* “é chamado, a propósito de tudo e de nada, para o debate sobre a sociedade portuguesa [...]”. A “peste grisalha” é acusada de “estar na origem de parte substancial dos males sociais, políticos, financeiros e mesmo culturais que estão a abalar as sociedades da atualidade” (Rosa, 2012, p. 13).

É essa a razão da pertinência dos estudos gerontológicos nos nossos dias e da emergência da profissão de gerontólogo (Pereira, 2010). Como salientam Pereira e Pimentel (2012), “a pertinência social da gerontologia está ligada aos fenómenos demográficos do envelhecimento nas sociedades ocidentais, assim como à exigência crescente da qualidade dos cuidados prestados à pessoa idosa”. Em Portugal, a gerontologia torna-se uma disciplina académica na última década (Pereira, 2010, p. 6).

A Gerontologia, nomeadamente a Gerontologia Social, é uma área multidisciplinar, “multiparadigmática”, com contributos de muitas disciplinas, como as Ciências da Saúde, a Psicologia, a Demografia, o Direito, a Ciência Política, o Urbanismo, a Filosofia, a Antropologia, a Economia, a Sociologia e a História (Bass & Ferraro, 2000). Segundo Achenbaum (apud Bass, 2006, p. 140), “numerous academics have crossed the disciplinary frontier to help build the field of gerontology”.

Naturalmente, também a Educação foi chamada a desempenhar um papel decisivo, tanto na delimitação e teoria da disciplina académica, como na profissão de gerontólogo, beneficiando ela mesma dos estudos da Neurologia e da Psicologia e dos estudos sobre as capacidades dos idosos para

fazerem aprendizagens significativas (Crawford, 2004). A aquisição de conhecimentos ao longo dos anos tem sido uma problemática muito estudada nos nossos dias (cf. Jenkins, 2013). Numa recensão à 3.<sup>a</sup> edição da obra de Merriam, Caffarella e Baumgartner – *Learning in Adulthood. A Comprehensive Guide* (2007) –, John Dirkx (2009) dá conta das extraordinárias mudanças registadas nas últimas décadas: “For many years, popular belief reflected the notion that learning ended with the completion of formal education and adulthood was regarded as a period of the gradual decline and diminishment of abilities. Yet historically, many adults have continued to engage in various forms of learning. In contemporary society, developing and providing education and training for adults is now a billion-dollar industry in the United States, and the idea of lifelong learning has rapidly become a reality across the world. In American higher education, the overall percentage of undergraduates classified as adult learners now hovers around 50%, with the largest increases occurring in community colleges, so-called career colleges, and online programs”.

Por todas estas razões, é necessário construir uma nova imagem do idoso e assumir políticas que tornem os idosos em algo diferente do que era para as sociedades agrárias e industriais. Alguns autores falam da necessidade de um “novo contrato de solidariedade intergeracional” (Albuquerque, 2014). Na verdade, a “educação ao longo da vida” constitui uma das grandes preocupações do mundo atual. Bastará lembrar, como refere Koïchiro Matsuura (UNESCO, 2010, p. 9), “a aprendizagem ao longo da vida está no cerne da missão da UNESCO”, acrescentando que “desde a sua fundação, a Organização tem desempenhado papel pioneiro na defesa da função crucial da *educação de adultos* no desenvolvimento da sociedade e na promoção de uma abordagem global de *aprendizagem ao longo da vida*”. Mas, como realça Alexandra Aníbal (2013, p. 4), a própria UNESCO introduziu um novo conceito: “nas duas últimas conferências da UNESCO, é possível identificar uma mudança de paradigma concretizada na *progressiva valorização da aprendizagem ao longo da vida em detrimento da educação de adultos*, deixando esta última de ser encarada apenas como subsistema educacional, mas passando a ser assumida como parte integrante de processos mais vastos de aprendizagem ao longo da vida. A tónica passa da educação à aprendizagem” (sublinhados nossos).

Neste âmbito, as chamadas “Universidades da Terceira Idade” são uma manifestação do tempo em que vivemos. Assim se explica que, nas últimas décadas, tenha aumentado, em número e em diversidade de oferta formativa, o número de “universidades” seniores.

Como se pode ver pelo título — *Universidades da terceira idade e envelhecimento ativo* — , desenvolvemos o trabalho que conduziu a este relatório em duas etapas. Na primeira, procurámos

estudar a bibliografia especializada, tanto sobre as chamadas “universidades” da terceira idade, como sobre o conceito de “envelhecimento ativo”. Entendemos que a atividade das instituições desta natureza, vocacionadas para a terceira idade, são uma manifestação e uma estratégia para responder às necessidades impostas pelas políticas subordinadas ou inspiradas pelo conceito de “envelhecimento ativo”. Pensamos que um e outro conceitos são correlacionáveis. A leitura da bibliografia reunida permitiu construir o inquérito por questionário e o guião das entrevistas semi-estruturadas.

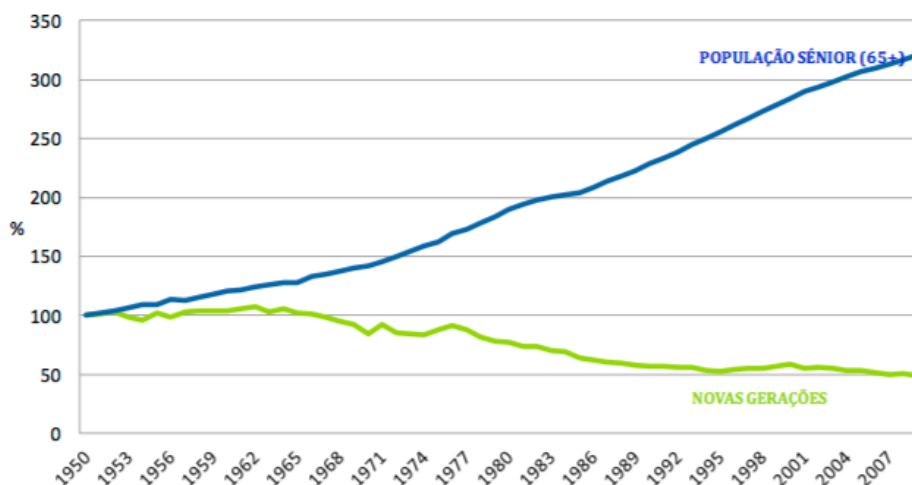
Na segunda etapa, procurámos ver de que modo estas questões são entendidas pelas direcções, como pelos formandos e formadores das duas universidades seniores do concelho de Aveiro, a Academia dos Saberes, de Aveiro e a Universidade Sénior de Cacia. Daí a escolha do subtítulo.

Mais do que conhecer (e dar a conhecer) as duas instituições, este trabalho visa estabelecer pontes de entendimento entre elas, permitindo às suas direcções crescer em conjunto, isto é, criar condições para uma reflexão conjunta sobre as possibilidades de cooperação nos diversos domínios (administração, instalações, docência, projetos, etc.). Todavia, tendo em conta as condições de realização deste estudo, apenas foi possível avaliar as problemáticas das universidades seniores e do envelhecimento ativo na perspectiva da educação social e da intervenção comunitária. Não conseguimos mais do que sensibilizar responsáveis, formadores e formandos das duas instituições e dar início a algumas ações de cooperação. Neste aspeto importa salientar que nas reuniões conjuntas ficou bem expresso um forte desejo de cooperação, tendo sido elaborada uma lista das áreas em que seria frutuoso trabalhar. Tarefa facilitada porque nos apercebemos de que algumas pessoas das duas direcções conhecem-se pessoalmente! Pela análise dos inquéritos por questionário realizados, tanto à docência, como a formadores e formandos de ambas as instituições, foi possível concluir que todos, apesar de trabalharem separados, sentem as mesmas preocupações em relação à instituição e às pessoas que as frequentam. Outro propósito de todo o trabalho de pesquisa foi verificar se os formandos, os docentes e a direcção sentiam que poderiam enriquecer a organização se cooperassem com entidades da mesma natureza, e, se sim, como o fariam. De facto, sentiu-se uma enorme vontade de ambas as associações em cooperar de forma a divulgar e promover o envelhecimento ativo de que todos parecem ter conhecimento.

O decréscimo da fecundidade e a redução da mortalidade contribui, como a ciência demográfica tem demonstrado, para o envelhecimento da população (Rosa, 2012, p. 29). Em Portugal, diz Leston Bandeira et al (2012, pp. 8-10) que “que o ciclo do envelhecimento da população de Portugal,

que continua actualmente em plena expansão, estava lançado desde os primeiros anos da década de 1950”, como de pode ver na figura publicada nesse estudo.

**Fig. 1. Novas gerações e população sénior, Portugal, 1950-2009 (1950 = base 100)**



Fonte: Bandeira, 2012, p. 9

A tendência assinalada a azul fica a dever-se a fenómenos como à emigração desses anos, à “revolução contraceptiva”, que começa em Portugal por volta de meados da década de 1960, à queda da mortalidade infantil, aos progressos sanitários (Bandeira, 2012, pp. 14-19). Assim, “a duração média de vida em Portugal duplicou em noventa anos”, de 1920 a 2009 (Bandeira, 2012, p. 20), o que parece obrigar a rever o conceito de velhice com tudo o que lhe está associado.

Será muito difícil reverter a tendência do crescimento da percentagem de população sénior, o que leva diversos estudiosos e observadores a fazer previsões pessimistas para um futuro próximo. Segundo o último relatório anual do Conselho da Europa (2014) sobre a *Evolução demográfica recente na Europa*, “os portugueses serão menos um milhão em 2050 e a população estará ainda mais envelhecida, havendo perto de 2,5 idosos por cada jovem”. No mesmo sentido vão as estimativas do INE, que considera que a população idosa duplicará nos próximos 40 anos, ultrapassando a barreira dos 30% – “32% da população total residente em Portugal será envelhecida, enquanto os jovens serão representados só com 13%”.

Segundo E. Haddad (apud Manerich, Sandri, & Knoll, 2008), a “ideologia da velhice”, está na “origem de um conjunto de representações sociais e culturais sobre a chamada *terceira idade*, que procura doutrinar os corpos, sentimentos, acções dos velhos: a questão social da velhice é formulada desconsiderando os fundamentos materiais da sua existência, vista como ameaça que paira sobre todos os homens, independentemente do lugar que ocupam no processo produtivo, camuflando o facto de que a classe trabalhadora, formada pelos homens mercadoria, que aciona o processo produtivo, a protagoniza historicamente constituída, da tragédia do fim da vida”. Socialmente, é reconhecido que a velhice ainda é um tabu e falar dela é falar do fim de toda uma vida e da aproximação da morte. Com o nascimento do conceito de “envelhecimento ativo”, a palavra “velho” tem sido desmistificada aos poucos e não se estereotipa a velhice como uma última etapa da vida mas, sim, como mais uma etapa.

O conceito corrente é do “velho” como antónimo de jovem, significando deterioração, fracasso, inutilidade, fragilidade, obsolescência, não adequação à vida, dando a impressão de que um velho vive improdutivamente e está ultrapassado pela sociedade. Também Manerich et al. (2008) defende que a velhice, está vinculada a situações como pobreza, isolamento, doença e dependência. De acordo com os questionários realizados, como veremos adiante, poucos formandos consideram que a velhice é uma “incapacidade geral”, pois, nas instituições que frequentam, aprenderam ou reforçaram o conceito de *envelhecimento ativo*, que de acordo com um dos formandos da Academia dos Saberes de Aveiro, funciona “*como um escape à deteriorização mental e física dos seniores*”.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) define a velhice como um prolongamento e término de um processo representado por um conjunto de modificações fisiomórficas e psicológicas ininterruptas à acção do tempo sobre as pessoas.

Terceira Idade, velhice, idoso, meia-idade, idade avançada, maduro, quinquagenário, sexagenário, sénior, são diferentes formas de expressar a mesma idade, geralmente com início entre os 50 e os 60 anos, mas as formas como são ditas, os contextos em que surgem sugerem uma menor diversidade semântica. Mesmo na Universidade, estas questões continuam em aberto, não obstante a enorme quantidade e diversidade de estudos realizados sobre a terceira idade. Um breve olhar pelos títulos dos repositórios universitários, permite-nos ver que o envelhecimento é mais frequentemente analisado ao nível biológico. As preocupações de natureza social são em número bem mais reduzido, e as de natureza cultural claramente residuais.

Mas o mais paradoxal é, como salienta Maria João Valente Rosa (2012, pp. 79-84), consiste no reconhecimento geral de que o conhecimento, a sabedoria e a experiências são as chaves do sucesso social e económico nos dias de hoje, enquanto os idosos são dispensados, como lhes é reduzida a importância que poderiam ter se outra fosse a forma como olhamos os mais velhos e como programamos as relações entre as três fases da vida – formação, atividade e reforma. É por esta e por outras razões que a referida demógrafa afirma que “o principal problema das sociedades modernas não é o futuro, é o passado. Estamos presos a modelos disfuncionais que herdámos, em que as lógicas de vida partidas em fases antagónicas, a defesa incondicional dos direitos adquiridos ou as barreiras de idade e de nacionalidade no aproveitamento do conhecimento em nada beneficiam o sucesso da sociedade”.

O presente trabalho tem como objetivo criar novos pontos e estratégias de cooperação entre instituições deste tipo, para que estas melhorem as suas condições de ensino-aprendizagem-convívio e, consequentemente, viabilizando assim as apostas em formação de qualidade.

O processo de investigação-ação na educação ao longo da vida, de que estas universidades são um bom testemunho, está intimamente relacionado com a sistematização de comunidades de aprendizagem, onde se criam novos objectivos, “nesta realidade de aceleradas mudanças que exige uma nova governança baseada na cooperação entre os diversos atores” (Valdés, Pilz, Rivero, Machado, & Walder, 2014). A educação ao longo da vida acarreta novas formas de recolher, analisar e armazenar dados que permite sintetizar a informação qualitativa e quantitativa nova com a já existente, originando assim novos dados. Assim sendo, a educação ao longo da vida torna-se uma *educação intercultural*, onde se promove a *autonomia pessoal, moral e intelectual* que, num contexto gerador de confiança e de bem estar, resulta em partilha de novos significados e novos comportamentos de relação entre pessoas em uma cultura de cooperação, com o fim de reduzir as desigualdades sociais aliando-se aos princípios de igualdade, justiça e liberdade.

Metodologicamente, este Relatório partiu da leitura da bibliografia sobre os dois temas centrais enunciados no título para os contactos exploratórios com as direções da Academia dos Saberes de Aveiro e da Universidade Sénior de Cacia, uma freguesia até há poucos anos habitada por gente dos campos e por operários, nomeadamente da fábrica de pasta de papel da Portucel. Era a possibilidade de ver como este modelo era redesenhado numa freguesia urbana, com formandos de classe média, e uma outra pensado para satisfazer as necessidades de saber de pessoas com passado socio-profissional diferente.

Em seguida, realizámos entrevistas semi-estruturadas e inquéritos por questionário aos formandos, aos formadores e às direções de cada organização. Por fim, procedemos a uma análise de conteúdo para que se pudessem tirar conclusões pertinentes. É necessário salientar que os inquéritos foram realizados em diálogo com a bibliografia consultada. O preenchimento do questionário pelos “formandos” foram realizados numa sessão em conjunto, de modo a garantir mais “sinceridade” nas respostas. A total confidencialidade das respostas foi assegurada com a entrega de um envelope contendo o respetivo questionário que os “alunos” selaram.

Tivemos a felicidade de contar com uma total colaboração das direções das duas instituições, que nos facultaram o acesso à documentação existente nos seus arquivos, permitindo-nos selecionar uma amostra de alunos e professores para responderem aos questionários e às dúvidas que surgiram ao longo de todo o trabalho. Assim, foi possível realizar reuniões e entrevistas aos diretores, que nos forneceram diversa documentação das instituições (regulamentos internos, fichas de formandos, etc.).

O Relatório está dividido em duas partes. A primeira foi dividida em dois capítulos: *As Universidades Seniores* e *Envelhecimento Ativo*. No primeiro capítulo, procurámos entrever as origens e evolução das universidades seniores, desde o século XVIII aos dias de hoje, dando particular atenção à realidade portuguesa atual. Como se pode ver adiante, procurámos responder às questões terminológicas, às questões culturais subjacentes e aos problemas suscitados pelo seu aparecimento, embora tenhamos hesitado em termos como formando ou aluno, formador ou professor, dado que não estamos perante instituições de creditação de formação. No segundo capítulo, procurámos conhecer as origens e evolução do conceito de universidade da terceira idade, tentando também perceber as formas como foi entendida a sua aplicação em Portugal.

Na segunda parte, como dissemos, apresentamos os resultados dos inquéritos e das entrevistas e fazemos a análise das mesmas. Seguindo-se das propostas de cooperação e as respetivas conclusões.





## **I. UNIVERSIDADES SENIORES E ENVELHECIMENTO ATIVO**



## **1. UNIVERSIDADES SENIORES: DAS ORIGENS À ATUALIDADE**

Maria da Graça Pinto (2003, p. 469), considera “como causa principal o envelhecimento da população e suas repercussões na adaptação a novos estilos de vida depois da cessação das atividades exercidas até à aposentação”, e aí entram as Universidades Seniores. Estas criam condições para que a vida dos formandos seja ativa e, desta forma, se crie uma rotina equiparada a uma vida outrora profissional.

Como diversos autores mostraram, a ideia de criação de instituições desta natureza têm raízes no século XVIII. É evidente que ao longo destes três séculos a sua natureza e organização sofreram as mais variadas alterações, tanto nos Estados Unidos, como na Europa. Contudo, importa sublinhar que algumas datas não obtêm consenso entre estudiosos do tema. Parece-nos evidente que uns elegem umas datas e outros outras, conforme os seus diversos interesses e fontes de informação, muito embora as datas historicamente recuadas pouco tenham que ver com os fenómenos recentes que estão na origem da expansão deste tipo de instituição social.

### **1.1. ORIGEM REMOTA DAS UNIVERSIDADES SENIORES**

As origens das Universidades de Terceira Idade, inicialmente denominadas *Escolas Populares*, remontam a 1727 e tinham como lema “Aprender para a vida”. Jacob (2012, p. 18) defende que este tipo de universidades eram organizações voltadas para pessoas com menores habilitações onde o objetivo era a educação geral e vocacional em vários tópicos. Segundo este autor, isso aconteceu “quando Benjamim Franklin em Filadélfia formou um grupo de adultos denominado ‘junto’, que durante 30 anos se encontrou semanalmente para discutir situações relacionadas com a sociedade e a comunidade”.

Ainda nos EUA, no séc. XIX, nasceu o ‘Lyceum’, que, segundo Jacob (2012, p. 18), era “um programa educacional para adultos e para idosos, tendo como objetivo principal transmitir conhecimentos aos habitantes de pequenos municípios rurais” .

Em 1960, surgem, em França e nos Estados Unidos da América, as primeiras organizações destinadas exclusivamente a pessoas adultas e/ou reformadas, de forma a que estas pudessem ocupar o seu tempo livre. Estes primeiros projetos “deram origem, talvez mais rapidamente do que se esperava, a um modelo que passou também a integrar cursos, conferências e outras atividades de toda

a ordem tendentes a ir ao encontro da procura entusiasta que se verificava por parte das pessoas de idade” (Lemieux, apud Pinto, 2008, p. 28).

Em 1972, surgiram as Universidades da Terceira Idade em França, na cidade de Toulouse, cuja filosofia era próxima da atual, o que terá levado alguns a considerar aquele país como “país-berço das UTI” (Pinto, 2003, p. 470). Segundo Maria da Graça Castro Pinto (2003, p. 469), Pierre Vellas “teve a ideia corajosa de colocar a universidade ao serviço dos aposentados [...]”. Diz esta autora que essa primeira UTI “tinha como objetivo o estudo dos problemas médicos, sociais e psicológicos dos idosos” (Pinto, 2003, p. 469). Vários aposentados, e adultos começaram a aderir à organização de forma a ocuparem os seus tempos livre e a realizarem os benefícios que a frequência da instituição lhes trazia à sua vida. Assim sendo, “não fora precisos mais de sete anos para que se estabelecessem 52 UTI em França”.

Assim, “um clima político especial em França desde 1968 incentivava as universidades tradicionais (UT) a desenvolverem programas educacionais vocacionados para a comunidade. Deste modo, nascia no Departamento da Unidade de Ensino e de Pesquisas da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de Toulouse o primeiro curso destinado unicamente a reformados locais. Este curso não conferia títulos académicos, nem exigia qualificações especiais, nem exames e tinha como objetivo o estudo dos problemas médicas, sociais e psicológicos dos idosos” (Jacob, 2012, p. 17).

O movimento rapidamente alastrou ao resto da Europa, chegando a Portugal em 1976. Ultrapassou oceanos e chegou à América nos anos 80” (Jacob apud Pinto, 2003, p. 468-469).

## **1.2. INTERNACIONALIZAÇÃO**

Estas experiências sociais e educativas internacionalizaram-se rapidamente, como adquiriu muito rapidamente uma surpreendente visibilidade nas instituições internacionais. Em 1975, o movimento internacionalizou-se, primeiro no espaço linguístico francês (Suíça, Bélgica e Canadá) e depois por todo o mundo, até que em 1976 foi criada a Associação Internacional das Universidades da Terceira Idade, em Genebra” (Jacob, 2012, p. 19).

Com o crescimento da educação focalizada para os seniores, nesse anos de 1975, fora criada a Associação Internacional de Universidades da Terceira Idade (AUITA) que “em 1981, já agregava mais de 170 instituições”. Atua nos dias de hoje, em todos os continentes “e é reconhecida pela ONU, OMS, UNESCO e reúne profissionais, estudantes e especialistas em Gerontologia”. A Associação con-

tribui, desde sempre, para a causa da formação ao longo da vida de idosos que participam nas Universidades da Terceira Idade espalhadas pelo mundo, através da cooperação entre elas.

### 1.3. AS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS EM PORTUGAL NO FINAL DO SÉCULO XIX

Em Portugal, uma das primeiras instituições de ensino popular é a Academia de Estudos Livres, fundada em Lisboa em 1889, que se define, a partir de 1904, como Universidade Popular. “Esta associação assegurou o funcionamento de uma escola e dinamizou actividades diversificadas na área da chamada extensão cultural — cursos, conferências e visitas de estudo. A Academia dedicou-se também à edição de publicações, com destaque para os Anais da Academia de Estudos Livres — Universidade Popular (1912-1916), que contêm artigos sobre temáticas e práticas educativas então consideradas relevantes ou inovadoras, para além de informações sobre as actividades desenvolvidas pela Academia” (Pintassilgo, 2008). A *Universidade Popular Portuguesa* viria a ser encerrada em 1944 pelo Estado Novo. As universidades populares e universidades livres haviam surgido pouco tempo antes a implantação do regime republicano, na continuidade da tradição da *Voz do Operário* e das academias de estudos livres.

Apesar de, atualmente, só restar a Universidade Popular (UP) do Porto (Jacob, 2012, p. 19), as *Universidades Populares Portuguesas* foram um projecto que beneficiou do entusiasmo da elite cultural onde participação activa de “[Bento de Jesus] Caraça neste tipo de *Universidade* surge como um sinal claro de opção de classe que não viria a ser atraída e ponto de partida para um percurso de intervenção cultural e cívica exemplar”.

Os republicanos viam a educação e a cultura como fonte de progresso e regeneração social, que juntamente com o investimento político criam condições que colocam o povo e a sua educação no centro, surgindo assim a educação e cultura como peças chave à formação de um cidadão consciente e participativo.

Mais tarde, num contexto de liberdade e de entusiasmo pela cultura popular, as questões da educação e da cultura ganham um espaço generoso na vida portuguesa. Em Portugal, na segunda metade dos anos 1970, “viva-se uma realidade sociocultural tão semelhante à de França”, pelo que só foram necessários três anos “para concretizar um projeto que se pretendia *próximo* do francês” (Pinto, 2003, p. 469). Em 1976, “a passagem do Eng. Herberto Miranda e pela sua esposa Celeste Miranda, por Paris, onde travaram conhecimento com Pierre Vellas, terá sido essencial para a génese do

projeto da Universidade da Terceira Idade de Lisboa, localizada no Chiado” (Jacob, 2012, p. 30).

Esse passo foi decisivo. A partir de então, não mais parou de crescer este movimento das universidades seniores no nosso país. Efetivamente, Portugal conta hoje com um número de universidades da terceira idade próximo das cinco dezenas. Encontram-se localizadas por todo o país, mais concretamente no Norte e no Algarve.

As universidades da terceira idade portuguesas foram criadas pela sociedade civil. Não pertencem ao ensino escolar regular. Também não pertencem às universidades de ensino formal, se bem que existam algumas instituições do ensino superior que celebraram protocolos com algumas universidades da terceira idade, como existem unidades de investigação e publicações científicas dedicadas a esta problemática em algumas universidades portuguesas. As universidades da terceira idade seguem os princípios básicos do ensino informal. Por lei, não podem avaliar nem certificar habilitações. De resto, “os alunos das UTI não desejam ser avaliados porque já o foram ao longo das suas vidas e não pretendem continuar a sê-lo” (Pinto, 2003, p. 468).

#### **1.4. DEFINIÇÕES E CARACTERIZAÇÃO DAS UNIVERSIDADES SENIORES**

De acordo com Maria Loureiro (2011), tanto a *velhice* como o *envelhecimento* são tópicos que necessitam de projetos educacionais a longo prazo para que seja possível promover mudanças culturais nas “concepções sociais vigentes sobre velhice, sobre as possibilidades de desenvolvimento nessa fase de vida e sobre o potencial cultural inerente a esse segmento da população”. Posto isto, e assim como noutros países europeus surgiu um movimento que se define “mais ou menos consensualmente de Gerontologia Educacional”, que segundo Peterson (apud Loureiro, 2011), é a fórmula de aplicar os conhecimentos necessários a uma vida de qualidade por parte dos seniores: “nesta definição existe uma tríplice classificativa, abordando a educação para idosos, para a população em geral e para recursos humanos de intervenção gerontológica” por fim, com a associação, surgiu também o conceito de *lifelong learning*, “definido como um processo ininterrupto de aprendizagem ao longo da vida, onde surgem novas propostas educativas e em particular, as universidades começaram a implementar novos programas curriculares direccionados à população com mais de 55 anos” (Loureiro, 2011, p. 58).

Assim, parece consensual afirmar que as Universidades de Terceira Idade têm como objetivo melhorar a vida de quem as frequenta, seja a nível mental, seja a nível social e cultural. Procuram

também corresponder às expectativas dos formandos no que diz respeito ao aprender o que o ensino formal nunca oferece. Disso são bons exemplos, tanto a disciplina de Dança e Ritmos Latinos, na Universidade Sénior de Cacia, como as aulas de Guitarra na Academia dos Saberes de Aveiro.

Posto isto, é possível dizer que as universidades da terceira idade procuram “dar resposta à procura de ensino informal em variados domínios e à procura de actividades recreativas ou outras por parte da nossa população sénior, apesar de não ignorar a polémica que o termo universidade tem suscitado nalguns meios e de ter em mente a necessidade de pensar a sua adequação à realidade actual também em termos linguísticos” (Pinto, 2003).

Atentemos agora em algumas das características das universidades de terceira idade presentes em diversos estudos. As universidades da terceira idade são muitas vezes designadas como *organizações de educação para idosos*: No nosso país, ao contrário do que se terá passado noutros países, “não foi o Estado que tomou a iniciativa de chamar a si a educação dos seniores” (Pinto, 2003, p. 473). Este tipo de instituições não funcionam, muitas vezes, de uma maneira formal e não têm um público-alvo restrito (pode variar de idade, do exercício ou não de uma profissão, etc), daí o conceito *educação para idosos* ser um pouco restritivo.

É possível verificar a existência de duas filosofias complementares, segundo Jacob (2012, p. 17): a primeira defende que a educação é uma *estratégia de socioterapia*, que promove e estimula a integração social e, nesse caso, a educação é um instrumento de promoção social; a segunda perspetiva deseja que os indivíduos mantenham a mente ativa através de actividades educativas. Nesta visão – continuamos a seguir o referido autor –, “a educação é uma espécie de ginástica mental, que evita a deterioração das funções cognitivas, e um instrumento para aquisição de novos conhecimentos” .

As universidades da terceira idade ou universidades seniores não estão incorporadas no sistema escolar, ou seja, os princípios básicos da *aprendizagem informal* estão sempre presentes através de troca de experiências, histórias de vida, etc. “É bem provável que a sua procura por parte de um público adulto mais jovem do que o grupo responsável pela sua designação, motive alterações nos seus modos de actuar de forma a ir ao encontro de interesses que podem diferir daqueles normalmente manifestados pela terceira idade” Maria da Graça L. Castro Pinto (Revista da Faculdade de Letras- “Línguas e Literaturas”- Porto XX, II, 2003 pág.468), posto isto, como já foi referido, a flexibilidade deste tipo de organização é essencial, pois o público-alvo é também diversificado.

De acordo com Pinto (2003, p. 467), as UTI são “instituições que se dedicam a dar resposta à procura de ensino informal em variados domínios e à procura de actividades recreativas ou outras por

parte da nossa população sénior” . Jacob (2012, p. 16) completa afirmando afirmando que a “UTI ou US (Universidade Sénior) é uma resposta socioeducativa que visa criar e dinamizar regularmente atividades sociais, educacionais, culturais e de convívio, preferencialmente para e pelos maiores de 50 anos. As atividades educação realizadas em regime não formal, sem fins de certificação e no contexto da formação ao longa da vida”.

São organizações que possuem um modelo de gestão adaptado aos tempos de docentes e aos formandos, com um currículo flexível. De acordo com Pinto (2003, p. 472), nas universidades da terceira idade existem variadíssimas possibilidades entre cursos livres, na área das humanidades, da sociologia, das línguas estrangeiras, da leitura e da escrita criativa. Algumas contam, nos seus programas, com novas tecnologias da informação e da comunicação. Como veremos mais à frente, a Academia dos Saberes de Aveiro e a Universidade Sénior de Cacia, apesar de terem diferenças, possuem um modelo e objetivos idênticos.

Por fim, importa realçar também um fenómeno que nos ajuda a compreender algumas das características destas instituições: os medos e as preocupações dos formandos.

Se o desejo de aprender mais, de conviver e fazer novas amizades prevalece, convém não esquecer os receios. A necessidade do currículo adaptado é uma preocupação constante tanto por parte dos formandos como dos formadores. Na realidade, a idade é uma variável, assim como a formação académica, a zona geográfica, a região. Por essa razão, estas instituições têm de combater as tentações da uniformidade e do centralismo. São comportamentos ou modelos de gestão ineficazes, pois não parecem não compreender a enorme diversidade da procura, independentemente das idades dos seus inscritos: “o ajustamento de projetos às condições particulares das populações revela-se, na minha opinião, a chave de sucesso destas instituições”, dizia em jeito de alerta Maria da Graça L. Castro Pinto (2003, p. 468).

São essas as razões por que por vezes os formandos manifestam insatisfação neste tipo de instituições, pois temem frequentar aulas com elevado grau de dificuldade e o complexo de inferioridade, muitas vezes em nada relacionado com a idade, pode surgir (como irá ser possível verificar nos na análise dos questionários). Muitos deles também demoram a criar um ponto de equilíbrio entre o *lazer* e o *aprender* que este tipo de organizações oferece, podendo ficar confusos com o real conceito da *universidade* e das suas expetativas, “depreende-se, porém, do elenco de ofertas [...] que os alunos das UTI estão tão interessados em aprender como em conviver” (Pinto, 2003, p. 472).

Com o decorrer do tempo, o *reconhecimento*, a *validação* e a *acreditação* dos resultados da



aprendizagem não formal e informal na velhice, torna-se fulcral. De acordo com Valdés, Pilz, Rivero, Machado, & Walder (2014), o reconhecimento é um processo que nos permite verificar os resultados que as pessoas obtiveram em vários contextos, em diferentes fases da sua vida, o que conduz a um “acordar” da sociedade mediante os resultados.

A *validação* consiste na “confirmação de um órgão autorizado de que os resultados ou competências da aprendizagem adquiridos por uma pessoa, foram avaliados em relação a pontos ou padrões de referência mediante de avaliação pré-definidas”. Simultaneamente com a *validação* vem a *acreditação*. Processo também apoiado num órgão autorizado, seguindo-se pela *avaliação dos resultados ou competências da aprendizagem* “conforme diferentes propósitos e métodos concedem qualificações (certificados, diplomas ou títulos) ou oferece equivalências, unidades de crédito ou exceções, ou emite documentos tais como portfólios de competências”

A *comunidade de aprendizagem* é uma “comunidade humana e territorial que assume um projeto educativo e cultural próprio, marcado e orientado para o bem comum, o desenvolvimento local e o desenvolvimento humano, para educar-se a si mesma, às suas crianças, jovens e adultos, graças a um esforço endógeno, cooperativo e solidário, baseado em um diagnóstico não só de suas carências, mas, sobretudo, de suas fortalezas para superar tais carências”. Intimamente relacionada com a *comunidade de aprendizagem*, há a *comunicação dialógica*, comunicação esta que se resume na interação direta entre os participantes, neste caso, formandos, e depende de ambas as partes para se realizar, o que é designado por discurso colaborativo. “Os discursos que acontecem neste tipo de comunicação apresentam uma estrutura formal que é a tomada de turnos e uma organização do conteúdo que se manifesta mediante o manejo do tópico” (Valdés, Pilz, Rivero, Machado, & Walder, 2014).

### **1.5. HESITAÇÕES TERMINOLÓGICAS: O CONCEITO DE UNIVERSIDADE SÉNIOR**

Não é preciso ler muitos textos para nos apercebermos da diversidade de conceitos e, conseqüentemente, de algumas hesitações terminológicas. Com as características antes referidas, a maioria dos autores parece não encontrar alternativa à designação de universidade, mas a adjetivação (da terceira idade ou sénior) testemunha um grande debate existente nos estudos de gerontologia.

Analisemos, primeiro, o uso da palavra universidade. O facto de não ser consensual o termo *Universidade*, na expressão *Universidade da Terceira Idade*, pode explicar a razão pela qual alguns já

tenham optado pela designação de *Academia*, outros pela designação de *Instituto* e outros ainda pela designação de *Associação*, normalmente seguidas do adjetivo “cultural”, evitando-se assim o recurso à palavra *Universidade* (Pinto, 2003, p. 467). O Decreto-Lei, n.º 252/82, de 28 de Junho, permitia o uso da palavra *Universidade*, “desde que as UTI se comprometam a não atribuir nenhum tipo de certificados ou grau académico dos cursos ministrados” (Pinto, 2003, p. 468).

Em Portugal, inicialmente, “apenas a Universidade da Terceira Idade de Abrantes e a Universidade Internacional para a Terceira Idade (Portaria n.º 923/84, de 17 de dezembro) tem autorização do Ministério da Educação para usar esse nome [...]” (Jacob, 2012, p. 24). Nos últimos anos, foi-se generalizando o uso da palavra universidade adjetivado com a palavra sénior: Universidade Sénior Contemporânea do Porto, Universidade Sénior Eugénio de Andra de Porto, Universidade Sénior do Porto, Universidade Sénior do Centro Social Paroquial de Nossa Senhora da Nazaré, Universidade Sénior da Figueira da Foz, Universidade Sénior Florbela Espanca, Universidade Sénior de Gondomar, Universidade Sénior de Évora, etc.

Intimamente relacionada com a discussão sobre se estamos perante uma “universidade”, é o problema da escolaridade mínima de admissão, o que permite perceber claramente que estas instituições se dirigem especialmente à chamada classe média, excluindo, à partida, as pessoas que menos formação académica. Em 1981, “cinco anos após a criação da primeira UTI entre nós [...], 26,35% da população residente em Portugal não sabiam nem ler nem escrever e 47,62% tinha apenas 4 anos de escolaridade. Somente 2,64% da população residente [...] detinham cursos superiores” (Pinto, 2003, pp. 470-471). Assim, de acordo com este autor (2003, p. 471), a política de cada país, as suas realidades sociais e culturais e ainda as suas infra-estruturas destacarão, inevitavelmente, a estrutura, a forma organizacional, os objetivos e as ofertas de cada uma das instituições, “a diversidade de níveis de escolaridade dos alunos que frequentam estas instituições [...] condicionará naturalmente os respetivos projetos”. Certamente por isso, contrariamente ao que aconteceu em França — 52 universidades da terceira idade sete anos após a criação da primeira —, “Portugal teria de esperar mais de 25 anos após a criação da primeira UTI para poder perfazer a cerca de meia centena de UTI que possui neste momento [2003]” (Pinto, 2003, p. 471).

Nos dias de hoje, os formandos das universidades seniores tornaram-se mais exigentes pois muitos deles já possuem uma bagagem cultural elevada (o que é possível verificar na análise, no ponto 3, da Academia dos Saberes de Aveiro). Estes procuram novos desafios e novas áreas de interesse, ou seja, “entre eles [os novos aposentados], contam-se seguramente muitos licenciados, ou

mesmo pessoas com habilitações académicas superiores, e muitos funcionários que pertenciam a quadros técnicos. Trata-se pois de uma população que apresenta uma instrução que obrigará indubitavelmente a uma oferta de programas seniores muito mais exigente no caso de ela pretender frequentar esses programas” (Pinto, 2003, p. 474).

De acordo com Graça Pinto (2003, p. 486), também a expressão “terceira idade” começa a ser objecto de crítica, daí que, nalguns casos, haja uma substituição do conceito por “sénior” ou “para todos” ou ainda dos tempos livres: *Universidades dos Tempos Livres*, como lhe chamou Jacob (2012). A idade é uma variável, entre muitas outras, que nos leva a considerar que as ofertas das UTI não podem ser uniformes, exigem portanto diversidade e flexibilidade “curricular”: os seus modelos e projetos diferem de país para país, de região para região em função de diferentes variáveis. E este ajustamento de projetos às condições particulares das populações revela-se, na minha opinião, a chave de sucesso destas instituições” (Pinto, 2003, p. 468).

De qualquer modo, importa salientar que as hesitações terminológicas resultam da evolução destas instituições no último meio século, refletindo inevitavelmente a evolução das concepções adotadas pela UNESCO e outros organismos internacionais para a educação de adultos e para as aprendizagens. Vejamos, muito sumariamente, a evolução do conceito de universidade da terceira idade dos anos 1960 à atualidade.

### **1.5.1. A PRIMEIRA GERAÇÃO: ANOS 1960**

A primeira geração é a antecâmara das universidades da terceira idade (Jacob, 2012, p. 20), que os muitos estudiosos datam dos anos 60. Corresponde a um modelo de serviços educativos mais da ordem do “convívio cultural com o objetivo de ocupar as pessoas da terceira idade e de lhes facilitar as relações sociais [...]”. A formação que era dada não era sempre de nível universitário e poderia mesmo ser assegurada por outros agentes educativos” (Pinto, 2003, p. 475). De acordo com Jacob (2012, p. 20), a primeira geração situa-se nos anos 1960, e é vista como uma ocupação dos tempos livres. Pertence a um modelo de serviços educativos dos Estados Unidos da América e ao dos Clubes de Seniores ou de Tempos Livres, em França. Na verdade, “são mais de ordem de convívio cultural com o objetivo de ocupar as pessoas da terceira idade e de lhes facilitar as redes sociais”.

### 1.5.2. A SEGUNDA GERAÇÃO: ANOS 1970

De acordo com Jacob (2012, p. 20), a segunda geração data dos anos 70. A ideia de universidade da terceira idade focalizava-se maioritariamente no bem-estar do idoso “por meio de atividades culturais consideradas de interesse e desenvolver a sua capacidade de intervir socialmente”. Também Pinto (2003, p. 475) defende que esta geração de universidade da terceira idade “tinha sobretudo como objetivo melhorar o bem-estar mental do idoso por meio de atividades culturais consideradas de interesse e desenvolver a sua capacidade de intervir socialmente”. Nestas circunstâncias, o sénior assiste e participa em conferências, debates e palestras, “está em causa um tipo de atividade educativa que não se reveste de características especificamente universitárias”.

### 1.5.3. A TERCEIRA GERAÇÃO: ANOS 1980

Pinto (2003, p. 475) considera que a terceira geração data nos anos 1980, e “desenvolveu-se no sentido de se aproximar das três características de qualquer universidade tradicional”: o ensino, a pesquisa e o serviço à comunidade em que se encontra inserida. Esta geração procura responder a uma população sénior “cada vez mais jovem e escolarizada que começa a exigir cursos que possam ser reconhecidos. Surge assim a ideia de organizar programas conducentes a um diploma”.

Sente-se que é necessário *preparar* a terceira geração, aquela que pretende ir ao encontro dos três atributos das verdadeiras universidades, *contando com o empenhamento das universidades públicas e privadas*, “tomando como base a formação científico-pedagógica que os programas universitários desta terceira geração requerem, mas não fazendo tábua rasa do que já se fez, entre nós, neste domínio” (Pinto, 2003, p. 476).

Começou a verificar-se que os seniores estavam cada vez mais instruídos e exigentes no que toca à sua formação, “com efeito, todos aqueles que já têm ou desejam a vir a ter a seu cargo iniciativas destinadas à população sénior não poderão ignorar que, nos dias de hoje, cada vez se exige mais profissionalismo em todas as áreas de intervenção” (Pinto, 2003, p. 476). Ao contrário da primeira geração, os seniores já não vêm as universidades da terceira idade como só uma ocupação de tempos livres, mas como uma possibilidade de aprenderem e ensinarem novas matérias.

#### **1.5.4. AS UNIVERSIDADES DA TERCEIRA IDADE NA ATUALIDADE**

O universo das universidades da terceira idade, hoje em dia, é tão diverso de país para país e até de cidade para cidade que estas três fases ou gerações estão perfeitamente atualizadas e presentes, não nos permitindo falar delas separadamente como se de realidades diferentes se tratasse. Cada universidade decide o que pretende para os seus alunos e a partir daí organiza-se como tal. É perfeitamente possível ter na mesma região duas universidades da terceira idade a funcionar de maneira completamente distinta, uma destinada mais ao convívio e outra com funções mais académicas” (Jacob, 2012, p. 21). Apesar do que Jacob afirma, a cooperação entre duas instituições da mesma natureza, e de acordo com os resultados que obtivemos nos questionários, é fundamental para que os benefícios sejam tanto para quem frequenta as instituições como para quem as rodeia.

De acordo com Maria da Graça L. Castro Pinto (2003, p. 476), as universidades da terceira idade existentes no nosso país não correspondem a programas universitários para seniores nem se encontram sediadas nas universidades tradicionais, mas dão resposta aos objectivos traçados pelas gerações dos anos 60, 70 e 80: “a terceira geração deve ser preparada para ir ao encontro dos três atributos das verdadeiras universidades, contando com o empenhamento das universidades tradicionais públicas ou privadas, tomando como base a formação científico-pedagógica que os programas universitários desta terceira geração requerem, mas não fazendo *tábua rasa* do que já se fez neste domínio.

#### **1.6. OS ALUNOS OU FORMANDOS E OS PROFESSORES OU FORMADORES**

De acordo com a dialógica de Paulo Freire e com a dialética de Vygotsky, o indivíduo não é passivo dos *determinantes sociais*, é autor da história, como já foi referido anteriormente. O sujeito tem a possibilidade, através do processo de conscientização, de transformar a si e ao seu contexto histórico-cultural-social (Weffort, 1977, p. 12). Os alunos, como salienta Albuquerque (2010), não são nulos no processo, contextualizam as suas experiências nas diferentes áreas leccionadas, criando assim uma relação de proximidade e reciprocidade em que ocorre a interação professor e aluno, estimulando a tomada de consciência crítica do seu quotidiano. Assim, é possível uma troca de experiências, pois a relação é uma relação de co-existência, relação dialógica, em que o professor e o aluno aprendem mutuamente, objectivando uma consciência crítica, problematizadora. O processo ensi-

no-aprendizagem é compreendido de modo participativo, activo, que se dá através de mediações, isto é, interações sociais que permitem que o sujeito seja transformado e transformador do seu meio.

Ora, uma parte da caracterização das universidades da terceira idade e dos seus modelos de gestão reside na vontade expressa dos seus alunos ou formandos. Segundo estudos recentes (Jacob, 2012, p. 21) a “*vontade de aprender, atualizar e partilhar os seus conhecimentos*” representa 40% das escolhas dos alunos ou formandos. É assim o principal motivo de frequência dos formandos neste tipo de instituições. Mais para a frente, no presente trabalho, nas conclusões dos questionários, irá ver-se que o “*gosto em saber mais*” é o preferido pela maioria.

Outra característica maioritária (13%) consiste no desejo de os formandos se manterem-se ativos e participativos (Jacob, 2012, p. 21). Após a análise dos questionários na Academia dos Saberes de Aveiro e na Universidade Sénior de Cacia, verifica-se o “manter-se ativo” também é um fator que influencia a presença dos formandos neste tipo de instituições.

As restantes são a busca de lazer intelectual, de convívio e de procura de auto-imagem forte. A procura de um lazer intelectual é uma dos vários motivos de afluência de instituições deste tipo “[...] a procura de novas formas de lazer intelectual” (Jacob, 2012, p. 21). “Conviver e conhecer novas pessoas, combater o isolamento, criação de novos projetos de vida e entrada em atividades lúdicas e culturais” (Jacob, 2012, p. 21). Os seniores, maioritariamente aposentados, desejam sentir-se úteis na comunidade. Apesar de muitas vezes não exercerem qualquer tipo de profissão, sentem necessidade de realizar, de alguma forma, tarefas que os façam sentir ativos. “Para além disso, o facto de ser aluno de uma universidade da terceira idade dá *status* e auto-estima, oferece às pessoas idosas um sentimento renovado de importância e de finalidade, algo por que pode esperar, até mesmo a força para lutar contra uma doença e para conquistar novas esperanças” (Jacob, 2012, p. 21).

Os professores são maioritariamente aposentados, que trabalham em regime voluntariado. Outros, de acordo com os questionários, exerciam a profissão de professor, e por amor a esta, fazem questão de continuar a ensinar pois obtêm felicidade disso, “relativamente às pessoas que ensinam nas UTI, algumas são profissionais e recebem por consequências honorários simbólicos ou não e outras, a maioria, trabalham em regime de voluntariado” (Pinto, 2003, p. 472). Por outro lado pode ser discutível o porquê dos “professores das UTI não precisam de possuir qualquer formação pedagógica destinada à população sénior para exercerem essas funções” (Pinto, 2003, p. 472), visto que a *velhice* além de ser um estado físico, possui também características específicas dessa fase de vida, exigindo assim outras respostas que não as do ensino corrente.

### 1.7. NÚMERO DE UNIVERSIDADES SENIORES, SUA DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA E OFERTA EDUCATIVA

Em 2003 existiam em Portugal cerca de 50 universidades da terceira idade (Pinto, 2003, p. 470), com aproximadamente 8000 alunos inscritos, e distribuem-se por todo o país, com maior incidência no norte e Algarve, e especialmente a partir dos anos 90, “década em que foi, como sabemos, foi dedicada uma maior atenção ao idoso e à educação ao longo da vida” (Pinto, 2003, p. 471). Mas se eram cerca de 50 em 2003, dez anos depois esse número é bem esclarecedor do sucesso desta instituição: em 2013, o presidente da Rede de Universidades da Terceira Idade (RUTIS), Luís Jacob, referiu a existência de “245 instituições espalhadas pelo país, frequentadas por cerca de 35.000 alunos” (Robalo, 2013). Mas se consultarmos a página da RUTIS na internet veremos que o número destas instituições é superior a 260, tendo, no conjunto, o apoio de cerca de 500 professores ou formadores.

*Na era da informação, do conhecimento e da aprendizagem, a pressão dos media e das novas tecnologias da informação e da comunicação torna as escolhas disciplinares mais previsíveis. De resto, são os próprios formandos que manifestam interesse em acompanhar a evolução das tecnologias. É esse o sentido das palavras de Pinto (2003, p. 472): “algumas universidades contam ainda, nos seus programas, com iniciativas na área das novas tecnologias da informação e da comunicação e com conferências sobre temáticas atuais”.*

Além da informática, os formandos interessam-se por “atividades como a ginástica, a natação, o teatro, o canto coral, a música e os trabalhos manuais ou labores. As viagens de estudo no país ou no estrangeiro constituem igualmente objeto de oferta possível” (Pinto, 2003, p. 472).

Este tipo de instituições atrai formandos na divulgação dos seus serviços à comunidade que os rodeia mas que não conhece. O “*boca em boca*” que tanto se fala nos questionários que os formandos e docentes de Aveiro e Cacia é essencial para promoção e divulgação destas iniciativas.

### 1.8. MODELOS DE FUNCIONAMENTO

Cada universidade sénior possui o seu modelo de gestão próprio. Este evolui, ou deveria evoluir ao longo dos anos para que surjam respostas aos vários problemas que as instituições enfrentam. Contudo, os que se têm dedicado ao estudo da génese histórica das instituições destinadas aos seniores dão-se conta de que os objectivos das instituições envolvidas, não são da mesma ordem,

“levando-os a considerar a existência, no século findo, de três gerações de modelos de programas oferecidos até hoje por essas instituições” (Pinto, 2003, p. 468).

Há dois modelos maioritários: o modelo francês e o modelo inglês. Depois há universidades que optam por criar um modelo que tenha características de um e de outro: “em muitos países, os dois modelos funcionam em regime de complementaridade, como é o caso da vizinha Espanha, onde existem as Universidades Maiores de modelo francês e as Aulas para a Terceira Idade de modelo Inglês” (Jacob, 2012, p. 26).

### **1.8.1. O MODELO FRANCÊS**

De acordo com Jacob (2012, p.24), o modelo francês tem por base *logística uma universidade formal* (os professores e os recursos), onde o Estado atua como *patrocinador* deste tipo de cursos. Este modelo privilegia a investigação e existe a possibilidade de criar cursos superiores e pós-graduados para seniores, “o que pressupõe exigências culturais para o acesso”. Os cursos são de curta duração, podendo ir de uma semana a dois meses.

### **1.8.2. O MODELO INGLÊS**

O primeiro curso que adota o modelo dito inglês nasce em 1981, associado à Universidade de Cambridge. Os cursos que se guiam por este modelo são cursos de média e longa duração, que duram um ou mais anos. Este modelo, em relação ao francês, é um modelo mais livre, independente e informal que aproxima os professores e os alunos. Os formandos participam abertamente nos programas e estes, para além do ensino, *desenvolvem dimensões sociais e recreativas e os professores exercem a sua atividade em regime de voluntariado*. O modelo britânico, diz Jacob (2012, p. 24) é o único a operar numa base de ajuda mútua. Nem os professores nem os dirigentes são pagos, excepto em circunstâncias excecionais [...]. Este modelo foi exportado para a Austrália e Nova Zelândia”. Também os dirigentes são quase sempre voluntários, as despesas também são diminutas” (Jacob, 2012, p. 27).

“Em Portugal, a larga maioria das universidades da terceira idade aplicam o modelo inglês” (Jacob, 2012, p. 30). O interesse das universidades formais por estas organizações ainda é residual. Mesmo a Universidade de Aveiro, que dedica grande atenção à relação com a sociedade, nunca manifestou grande interesse por estas instituições.



### 1.8.3. MODELOS MISTOS

“Em muitos países, os dois modelos funcionam em regime de complementaridade, como é o caso da vizinha Espanha, onde existem as *Universidades Mayores*, de modelo francês, e as aulas para *La Tercera Edad*, de modelo Inglês” (Jacob, 2012, p. 26).

Um bom exemplo de modelo misto – que aplica procedimentos franceses ou ingleses – existe nos Estados Unidos da América. Foi implantado na *American University* e é denominado por *Institute for Learning in Retirement*. A criação do Instituto para a Aprendizagem na Velhice originou que primeiramente se procurasse uma pessoa aposentada e que, em seguida, se criassem estratégias para que esta se mantivesse ativa e criativa.

O *Institute for Learning in Retirement* desenvolveu um programa “of study of retired and intellectually active persons who wish to pursue learning with others of like curiosity” (ILR, sd). A *American University* aceitou o *Institute for Learning in Retirement* como um programa de extensão. Desde que esse instituto foi criado, em 1982, cerca de 250 outras instituições semelhantes foram criadas nos Estados Unidos da América e no Canadá.

De acordo com o seu *site* oficial, o *Institute for Learning in Retirement* acredita que as pessoas aprendem umas com as outras de diversas formas. Ouvindo, lendo, discutindo, conduzindo ou fazendo apresentações a grupos e por conversas informais durante *interlúdios sociais*: “Não existem exames, não há graus ou créditos – apenas o prazer de aprender.”

Pinto (2003) acrescenta que estes institutos têm que estar sempre agregados a uma Universidade, onde beneficiam da partilha de instalações e do conhecimento dos professores, mas são dirigidos de forma voluntária pelos formandos e são *autónomos administra e financeiramente em relação à Universidade*. , mesmo assim, estes modelos são mais teóricos que práticos, dado que no essencial cada organização, independentemente do local, cria o seu próprio modelo de universidade da terceira idade: “os seus modelos/projectos não só acabam por diferir de país para país mas também, dentro de cada país de região para região, em função de diferentes variáveis. E este ajustamento de projectos às condições particulares das populações revela-se, na nossa opinião, a chave de sucesso destas instituições”.

## **1.9. CRIAÇÃO DA FEDERAÇÃO DAS UNIVERSIDADES DA TERCEIRA IDADE EM 1998**

A vitalidade das universidades seniores em Portugal é notório a partir do momento em que se cria a Federação Portuguesa das Universidades, Academias e Associações da Terceira Idade (Pinto, 2003, p. 472). Em Março de 2003 já incluía 10 Universidades de terceira idade ([www.rutis.org](http://www.rutis.org)) e a existência da Associação Rede de Universidades da Terceira Idade (RUTIS).

### **1.9.1. A RUTIS OU A IMPORTÂNCIA DO ASSOCIATIVISMO DAS UNIVERSIDADES SENIORES**

A criação da Rede das Universidades da Terceira Idade (RUTIS) – hoje com uma designação ligeiramente diferente: “Rede que une as universidades seniores” ou “Rede de Universidades Seniores”, como se pode ver na página da RUTIS na internet – resultou de uma necessidade de coordenação e de reflexão sobre os impactos deste fenómeno na sociedade portuguesa. Foi criada em Almeirim, em 2005, como Instituição Particular de Solidariedade Social e de Utilidade Pública “de apoio à comunidade e aos seniores, de âmbito nacional e internacional” (Jacob, 2012). Rapidamente ganhou visibilidade, tornando-se membro de diversos organismos e reclamando, agora, legislação que responda às necessidades destas instituições sociais e educativas.

Entre os seus objetivos conta-se a promoção do envelhecimento ativo em todas as suas dimensões; o apoio, união, promoção, representação e reconhecimento das Universidades da Terceira Idade e projetos similares sem fins lucrativos; o fomento da educação e do ensino, a formação profissional e a aprendizagem ao longo da vida; o incentivo da investigação académica e científica na área do envelhecimento e da cidadania; a atuação na prevenção e promoção da saúde; o estímulo ao voluntariado na e para a sociedade; a cooperação para a criação de uma identidade europeia e o estreitamento de laços com as comunidades portuguesas no mundo; a promoção de outras atividades de solidariedade e desenvolvimento comunitário que se achar conveniente”.

Em 2006, a RUTIS é declarada Instituição Particular de Solidariedade Social (Jacob, 2012, p. 5). No ano seguinte, é assinado com o Ministério do Trabalho e Segurança Social um protocolo para a promoção do envelhecimento ativo durante o I Congresso Mundial do Envelhecimento Ativo, realizado pela RUTIS em Fátima (Jacob, 2012, p. 5).

Em 2008, a RUTIS faz o registo no Instituto Nacional de Propriedade Industrial da marca coletiva de certificação Universidade Sénior (Jacob, 2012, p. 5) e inicia a participação regular em projetos europeus (Jacob, 2012, p. 8).

Já em 2009, é criado o NIEA – Núcleo de Investigação do Envelhecimento Ativo, destinado a “apoiar e promover a investigação científica e académica sobre o envelhecimento” (Jacob, 2012, p. 5).

Em 2010, é inaugurada a sede social da RUTIS, em Almeirim, com uma biblioteca, duas salas de formação, um ginásio e gabinetes técnicos (Jacob, 2012, p. 6).

No ano seguinte, à RUTIS inaugurar a sua sede social, em 2011, o projeto europeu da RUTIS é financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT). Esta aprovou um projeto para o desenvolvimento da banca eletrónica, juntamente com parceiros italianos e espanhóis (Jacob, 2012, p. 8) levando, assim, o conceito de *envelhecimento ativo* para fora de Portugal.

Em 2012, a RUTIS representa 190 universidades seniores e a Mesa do Conselho Geral das UTIS é admitida no Conselho Económico e Social, e, pela Resolução do Conselho de Ministros n.º 61/2012, integra a Comissão Nacional de Acompanhamento das Atividades do AEEASEG e Portugal (Jacob, 2012, p. 8).

Não por acaso, recentemente, a imprensa portuguesa fez-se eco de diversas projeções de instituições e observatórios internacionais: “Portugal pode tornar-se, em 2050, o segundo país mais envelhecido do mundo” (Campos, 2013); “Portugal será o terceiro país com a população mais envelhecida em 2030” (Tentúgal, 2015). O INE (2014) refere que a população mundial está a aumentar: “atingiu 7,2 milhões em 2013” e poderá “aumentar quase mil milhões de pessoas nos 12 anos seguintes, chegando a 8,1 mil milhões em 2025, e atingir 9,6 mil milhões em 2050”. Estes números têm permitido uma maior visibilidade à RUTIS, tornando-a, cada vez mais, uma instituição decisiva na discussão sobre os problemas desencadeados pelo envelhecimento demográfico.

### **1.9.2. ATIVIDADES DA RUTIS**

Para além de ajudar a criar novas Universidades de Terceira Idades, a RUTIS desenvolve várias atividades para as UTI, como os festivais de teatro, de música, de dança, o concurso de cultura geral, a reunião magna e os já referidos encontros nacionais (Jacob, 2012, p. 6). É da necessidade das UTIS procurarem formas de atraírem novos formandos e fazerem com o que os que frequentam as universidades seniores continuem a frequentá-las e a divulgá-las.

Apesar de grande parte das universidades da terceira idade pertencerem à RUTIS, como a Universidade Sénior de Cacia, outras não, como é o caso da Academia dos Saberes de Aveiro. Isto é, de acordo com Pinto (2003, p. 472) “algumas das UTI têm existência autónoma. Outras estão ligadas quer à Santa Casa da Misericórdia, quer a associações, a centros paroquiais ou a centros sociais. Estas últimas podem receber apoios da Segurança Social, dos poderes locais, da Igreja ou de entidades privadas”. Cabe às direções de cada instituição se quer que a sua pertença ou não à RUTIS.

## 2. ENVELHECIMENTO ATIVO, EDUCAÇÃO E APRENDENDIZAGEM AO LONGO DA VIDA

### 2.1. UM NOVO OLHAR SOBRE A TERCEIRA IDADE

Quão penoso é o fim de um velho! Debilita-se a cada dia que passa; a sua visão diminui e seus ouvidos já não ouvem; a sua força declina e seu coração já não descansa; a sua boca torna-se silenciosa e já não fala. As suas faculdades intelectuais diminuem e impossibilitam-no recordar hoje o que aconteceu ontem. Todos os ossos estão doridos. As ocupações não são mais realizadas pelo simples prazer e o sentido do gosto desaparece. A velhice é a pior das desgraças que pode afligir um ser humano (Escriba egípcio, 2450 a. C., apud Maturana, 2001, p. 109).

É difícil alterar o texto citado por Maturana. Mas esta visão do idoso está a mudar: o velho doente e dependente está a dar lugar ao sénior ativo. A verdade é que o envelhecimento demográfico, a maior esperança de vida, e o fim da sociedade industrial obriga-nos a alterar essa visão tradicional, essa forma de o passado condicionar o nosso presente e o nosso futuro. Contudo, como alguns autores salientam, o conceito de envelhecimento ativo é visto como um antídoto para o envelhecimento da população (Kaeser & Roch, 2013, p. 3).

O conceito de envelhecimento ativo foi, segundo a Wikipedia britânica, “originally inspired by the work of Robert Havighurst on *activity theory* – defined as an umbrella term for a line of eclectic social sciences theories and research with its roots in the Soviet psychological activity theory pioneered by Lev Vygotsky, Alexei Leont'ev and Sergei Rubinstein –, according to which elders' well-being relies on them staying active in later life; from this point of view, staying active is key to successfully ageing”. Ainda segundo a mesma fonte, “at the end of the 20th century organizations such as the OECD and the International Labour Organization used the concept to address the challenges faced by the labour market: lengthening of retirement, maintaining the elderly in employment, etc.

A referida publicação acrescenta que em 2002, a Organização Mundial de Saúde “gave a new twist to the concept by emphasising the prevention of health problems. The concept was then extended to elders being engaged in their communities (e.g. through volunteering) and their family. From this point of view an elder should optimize his or her health in order to benefit his or her own life as much as enrich the collectivity”. Segundo (Boudini & Mortelmas, 2011, p. 8), foi a visibilidade dada ao conceito de *envelhecimento ativo* pela Organização Mundial de Saúde desde o final da década

da de 1990 que levou à sua difusão, mas a verdade é que nunca terá sido adotada uma definição clara, isenta de ambiguidades. Se uns criticam a normatividade do modelo, pois não tem em conta a heterogeneidade dos percursos de vida dos idosos, Kaeser & Roch (2013, p. 4) dizem coexistir duas correntes opostas sobre o envelhecimento ativo: uma, produtivista, de cariz neo-liberal, em que “as prestações sociais são condicionadas às contrapartidas impostas”, e uma outra, “multidimensional”, apoiada pela OMS, e que pressupõe a acumulação de recursos ao longo da vida necessários à participação social”. Estes autores entendem que, “contrary to popular belief, the active ageing discourse does not only apply to older adults, but to all age groups. This implies the adoption of a life course perspective, which acknowledges the important influence of earlier life experiences on the way individuals age [...]. Secondly, the interpretation of these traditional activities should be broadened. For instance, instead of holding on to age limits for volunteers, volunteer activities should be adapted to fit the ability of the older person”.

De acordo com Rodrigues (2012, p. 16), em 2003 em Portugal ainda não existia o conceito de *envelhecimento ativo*, não obstante ter sido criado em 1982, na *Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento*: “Foi na década de 90 que o conceito de *envelhecimento saudável* foi substituído pela expressão *envelhecimento ativo*” (Rodrigues, 2012, p. 17). Diz este autor (2012, p. 1) que “as potencialidades das pessoas idosas são uma base sólida de desenvolvimento futuro, permitindo que a sociedade conte cada vez mais com as competências, a experiência e a sabedoria dos idosos para que se aperfeiçoem por iniciativa própria e contribuam para o aperfeiçoamento da sociedade em geral”. Com todos os estudos realizados já na área, os seniores são cada vez mais vistos como fontes de informação e sabedoria numa sociedade do conhecimento, muito embora esse caminho só há poucas décadas esteja a ser percorrido pelas sociedades ocidentais, atualmente a viver uma fase pós-industrial.

## **2.2. APRENDIZAGEM AO LONGO DA VIDA**

Outro conceito que está intimamente relacionado com a *Terceira Idade* é a *Aprendizagem ao Longo da Vida*, como temos vindo a referir. Naturalmente, o conceito *Aprendizagem ao Longo da Vida* tem sofrido alterações. Na verdade, o conceito terá nascido na década de 1960, mas só em meados dos anos 90 é que apareceu oficialmente, numa conferência da UNESCO em Montreal (Sprogoe,

2003, p. 5), depois das reflexões das conferências anteriores. Vejamos sumariamente o quadro temático das conferências da UNESCO:

- 1.<sup>a</sup> Conferência, 1960, Dinamarca (Elsinore):  
Tema: após a II Guerra Mundial, às portas da Guerra Fria, a educação de adultos é tratada, “sobretudo, como instrumento de resistência ao totalitarismo e de difusão de uma cultura de paz e de tolerância” (Aníbal, 2013, p. 2).
- 2.<sup>a</sup> Conferência, 1960, Canadá (Montreal):  
Tema: A Educação de Adultos num mundo em transformação.
- 3.<sup>a</sup> Conferência, 1972, Japão (Tóquio):  
Tema: A Educação do Adulto num contexto de educação permanente (Relatório Faure).
- 4.<sup>a</sup> Conferência, 1985, França (Paris)  
Tema: Educação de Adultos em retrospectiva (confirmação das resoluções de Nairobi).
- 5.<sup>a</sup> Conferência, 1997, Alemanha (Hamburgo)  
Tema: A Educação das pessoas adultas: uma chave para o século XXI
- 6.<sup>a</sup> Conferência, 2009, Brasil (Belém do Pará)  
Tema: Vivendo e aprendendo para um futuro viável: o poder da aprendizagem e da educação de adultos.

Como referimos antes e neste quadro é bem visível, da *educação permanente* ou *educação de adultos* passa-se para a *aprendizagem ao longo da vida*, como instrumento de participação dos cidadãos na promoção do desenvolvimento sustentável. Na 5.<sup>a</sup> conferência são abordadas, de forma inédita, as aprendizagens realizadas fora do enquadramento escolar, alargando-se, pela primeira vez, o conceito de educação de adultos a todo o conjunto de processos de aprendizagem formais, não formais e informais (Aníbal, 2013, pp. 2-3). Esta autora pergunta: “mudança de paradigma?”. Na realidade, “a tónica passa da educação à aprendizagem” (Aníbal, 2013, p. 4).

O conceito *Aprendizagem ao longo da vida* contém dois conceitos: a *aprendizagem* e a *vida*. O presente conceito enfatiza a aprendizagem que uma pessoa realiza desde o seu nascimento até à sua morte, em qualquer idade, em contextos formais, não formais e informais de aprendizagem, existindo diferentes tipos de aprendizagem ao longo da vida.

Relativamente aos tipos de aprendizagem supracitadas podemos dividi-las em três tipos: a aprendizagem formal, não formal e informal. A formal consiste numa aprendizagem oferecida por

uma instituição, organização de carácter estruturado, isto é, “com objectivos didáticos, que finaliza com uma certificação e é intencional na perspetiva do aluno”.

A aprendizagem não formal baseia-se numa aprendizagem que “não pode ser oferecida por um centro de educação ou formação e não se finaliza em certificação alguma”, apesar de manter, como a formal, “um carácter estruturado (objectivos, suporte e duração)” e é intencional também na perspetiva do aluno.

Por fim, a aprendizagem informal baseia-se na realização de atividades da vida diária relacionadas com o trabalho, lazer e/ou com a família. Este tipo de aprendizagem não é estruturado e também não conduz a uma certificação. Ao contrário da aprendizagem formal e não formal este tipo de aprendizagem pode ser intencional mas geralmente casual e pode ser feito ou não, conscientemente (Valdés, Pilz, Rivero, Machado, & Walder, 2014).

### **2.3. EDUCAÇÃO AO LONGO DA VIDA**

*A educação ao longo da vida* é quase como uma vertente da *aprendizagem ao longo da vida*, apesar de serem parecidos em conceitos, o seu significado é um pouco diferente. “Esta questão articula-se com outros dois factos das sociedades desenvolvidas: o rápido desenvolvimento da tecnologia e do conhecimento e o facto de a educação começar a ser, cada vez mais, perspectivada como um processo ao longo da vida, valorizando e envolvendo outros contextos e agentes educativos, ultrapassando a visão limitada e exclusivista da educação como educação escolar e como preparação para o mundo do trabalho” (Jacob, 2012, p. 22).

Duas visões político-filosóficas que marcam a história da educação de adultos: a educação permanente (*lifelong education*) e a aprendizagem ao longo da vida (*lifelong learning*), já referida anteriormente.

*A lifelong education* é “herdeira de uma matriz eminentemente crítica assente nas teorias do conflito e na escola do pensamento marxista e neomarxista” enquanto a *lifelong learning* é “herdeira de uma tradição de matriz fundamentalmente tecnocrática e gestionária, assente nas teorias do consenso e na escola de pensamento funcionalista” (Rosanna Barros, apud Aníbal, 2013, p. 4). Barros considera que não existe continuidade, mas sim uma rutura clara entre os pressupostos da educação permanente dos anos 1970 e as políticas de educação de adultos inscritas no paradigma da aprendizagem ao longo da vida, sustentando que “esta transição representa (...) um claro retrocesso sobre-



tudo pelo que configura de esmagamento do potencial de emancipação pessoal e social afeto aos pressupostos da educação permanente, orientadores das práticas dialógicas mais tradicionais do setor” (Barros, apud Aníbal, 2013, p. 4).

Uma crítica partilhada pelos investigadores da *educação ao longo da vida*, é a excessiva responsabilidade atribuída ao indivíduo no seu processo de formação, tirando progressivamente responsabilidade ao Estado de intervir nesta matéria (Aníbal, 2013).

Para poder dar resposta ao conjunto das suas missões, a educação deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda a vida, serão de algum modo para cada indivíduo, os pilares do conhecimento: “*aprender a conhecer*, isto é adquirir os instrumentos da compreensão; *aprender a fazer*, para poder agir sobre o meio envolvente; *aprender a viver juntos*, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente *aprender a ser*, via essencial que integra as três precedentes” (Delors et al., 1998).

A *educação ao longo da vida*, de acordo com vários autores, pode ser dividida em três gerações:

- A primeira geração surge em 1970 até 1985. Delors et al. (1998) defende que, nesta primeira fase “a educação deve transmitir, de fato, de forma maciça e eficaz, cada vez mais saberes e saber-fazer evolutivos, adaptados à civilização cognitiva, pois são as bases das competências do futuro”, isto é, o ensino deveria ser rígido de forma a aprendizagem ser focalizada para um futuro próximo.
- A segunda geração começa em 1985 indo até ao ano 2000, geração esta onde predominam as *preocupações económicas* (Rodrigues, 2012, p. 12) onde a apreensão situa-se nas ajudas/apoios que a Educação ao Longo da Vida receberia, sendo uma educação maioritariamente informal. “O sistema de reconhecimento de competências é uma componente decisiva no quadro da atual conceção da educação de adultos, tendo surgido no discurso mundial a partir de meados da década de 1990” (Aníbal, 2013).
- A terceira e última geração inicia-se a partir de 2000 sendo uma “versão mais suave dos discursos economicistas em torno da Aprendizagem ao Longo da Vida” (Rodrigues, 2012, p. 12). Nesta geração, a *sociedade do conhecimento* ganhou relevância e do quanto esta seria um produto de um projeto ao longo da vida.

## 2.4. SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO, DO CONHECIMENTO E DA APRENDIZAGEM

Sociedade da informação, sociedade do conhecimento e sociedade da aprendizagem são conceitos conexos no tempo, mas diferentes. Remetem para tipos e concepções diferentes de sociedade, como mostraram Coutinho & Lisbôa (2011). A definição atual de sociedade da informação deve-se a Peter Drucker, para quem a sociedade a que ele chama pós-industrial assenta num valor diferente das sociedades anteriores: a informação. Daqui passa-se para o conceito de sociedade do conhecimento, pois a informação só por si não é motor de crescimento e de desenvolvimento: “o conhecimento é entendido como a capacidade que o aluno tem, diante da informação, de desenvolver uma competência reflexiva, relacionando os seus múltiplos aspetos em função de um determinado tempo e espaço, com a possibilidade de estabelecer conexões com outros conhecimentos e de utilizá-los na sua vida quotidiana” (Coutinho & Lisbôa, 2011, p. 9). Já Andy Hargreaves (apud Coutinho & Lisbôa, 2011, p. 11) defende, de forma clara e inequívoca, que a “sociedade do conhecimento é a uma sociedade da aprendizagem”, na medida em que “a produção do conhecimento, recurso básico da sociedade depende da capacidade de os seus membros se adaptarem às mudanças continuando a aprender de forma autónoma uns com os outros”. Problematizado desta forma, o conceito de sociedade da aprendizagem vai desaguar e sustentar o conceito de aprendizagem ao longo da vida.

De acordo com Silva (2005) este tipo de *sociedade do conhecimento* é uma sociedade ilusória, “que se rege por conceitos não tão claros quanto se pensa e justifica essa sociedade em 5 tipos de ilusões”.

A primeira ilusão aborda o facto do conhecimento estar acessível a todos: “vivemos numa sociedade na qual o acesso ao conhecimento foi amplamente democratizado pelos meios de comunicação” (Silva, 2005), o que se verifica, que nem sempre acontece, seja em instituições preparadas para ou de forma não formal.

A segunda ilusão aborda a forma criativa como os indivíduos encaram o quotidiano, como diria Perrenoud (apud Silva, 2005) “a habilidade de mobilizar conhecimentos, é muito mais importante que a aquisição de conhecimentos teóricos, especialmente nos dias de hoje, quando já estariam superadas as teorias pautadas em metanarrativas, isto é, estariam superadas as tentativas de elaboração de grandes sínteses teóricas sobre a história, a sociedade e o ser humano”.

Na ilusão seguinte, na terceira, Silva (2005) afirma que a “*construção subjectiva* toma o lugar da *apropriação da realidade pelo pensamento* originando assim *processos semióticos intersubjetivos* e

consequente atribuição de significados, o que traz uma validade ao conhecimento cultural”, isto é, cada indivíduo cria a sua realidade dependentemente do seu pensamento. A diversidade do ser humano é algo que o torna único, as suas experiências, é que permitem a cada indivíduo criar a sua própria realidade.

Na quarta ilusão, Silva (2005) questiona se todos os conhecimentos têm o mesmo valor e/ou hierarquia entre eles, questionando a sua qualidade ou *o seu poder explicativo da realidade natural e social* para os indivíduos.

Na última ilusão, o mesmo autor centra o problema na consciência do indivíduo *seja por meio das palavras, seja por meio dos bons exemplos dados por outros indivíduos ou por comunidades, constitui o caminho para a superação dos grandes problemas da humanidade*. A educação de cada sociedade, assim como os valores e os conceitos atribuídos às experiências dependem dos ideais de cada comunidade, “as concepções idealistas da educação apoiam-se todas em tal ilusão”.

O mesmo autor defende que os *media*, utilizam certas experiências educativas para criar um *ilusório* futuro melhor para as gerações futuras: “desta forma, acabar com as guerras seria algo possível por meio de experiências educativas que cultivem a tolerância entre crianças e jovens. A guerra é vista como consequência de processos primariamente subjectivos ou, no máximo intersubjetivos. Nessa direcção, a guerra entre os Estados Unidos da América e Afeganistão, por exemplo, é vista como consequência do despreparo das pessoas para conviverem com as diferenças culturais, como consequência da intolerância, do fanatismo religioso” (Silva, 2005).

Coutinho e Lisbôa (2011, p. 13) defendem que a sociedade do conhecimento e da aprendizagem “deve estar ancorada nos quatro pilares da educação que, segundo Delors (1999), são: *aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver em comum e aprender a ser*.”

## **2.5. DECLÍNIO DA GRANDE FAMÍLIA**

As mudanças constantes na sociedade, a emigração, a necessidade de se procurar uma vida melhor, fizeram com que muitos indivíduos alterassem a sua estrutura familiar e perdessem até, importantes laços informais, como por exemplo familiares, amigos, etc. Estes indivíduos sentem necessidade de criar *redes sociais alternativas*. As sociedades alternativas podem ser criadas em instituições, organizações como um emprego, ou até mesmo uma atividade de lazer, como por exemplo, num grupo de leitura.

*As Universidades da Terceira Idade* ou *Universidades dos Tempos Livres* (Jacob, 2012) procurando dinamizar a velhice, integrando os seniores na sociedade, evitam, assim, a isolamento e a marginalização destes. Segundo Giovanni Cristianini (apud Jacob, 2012) as universidades da terceira idade promovem “a integração e permanência das pessoas de idade nas estruturas sociais”, funcionam muitas vezes como respostas à falta de suporte familiar e a uma fuga da solidão, “existe igualmente por parte dos seniores uma procura de socialização com o declínio da grande família e a perda dos laços informais de vizinhança, surgindo a necessidade de criar redes sociais alternativas, papel muito bem desempenhado pelas UTI” (Jacob, 2012, p. 22).

Ao longo do tempo, socialmente, os seniores passaram a ser vistos como fontes de informação, para seres que se encontravam perto do fim de vida para, atualmente, serem considerados novamente como fontes de informação valiosa, como refere Rui Rodrigues (apud Moura et al., 2012, p. 88), a imagem das pessoas idosas na sociedade tem vindo a alterar-se, pois nas décadas anteriores, as pessoas idosas eram vistas como um poço de sabedoria, onde a experiência ditava o *saber fazer*, atualmente, “com a transformação da sociedade, que passa a valorizar a produtividade, o novo e o belo, os idosos tornam-se um grupo particularmente vulnerável à exclusão e são por vezes vítimas de discriminação, de representações sociais e de estereótipos.”

## **II. AS ACADEMIAS SENIORES DE AVEIRO E CACIA**



O fenómeno das universidades seniores em Aveiro data do início deste séc. XXI, embora, poucos anos antes, tenha existido uma instituição semelhante na freguesia de S. Bernardo, instituída por iniciativa do seu presidente, Dr. Élio Manuel Delgado da Maia (MoveAveiro, sd.). Essa universidade da terceira idade, gerida pela Associação Social e Cultural da Terceira idade e do Autodidata de Aveiro, contou, desde o início, com a colaboração de alguns professores da Universidade de Aveiro. Não obstante ter tido uma extraordinária procura, a escola de S. Bernardo teve vida efémera. Mas essa experiência, de que não existe qualquer estudo, deu frutos: alguns formandos e alguns professores viriam a envolver-se na afirmação das duas outras universidades seniores. Vejamos as informações que recolhemos sobre as duas instituições, a de Aveiro e a de Cacia.

### **2.1. A ACADEMIA DOS SABERES DE AVEIRO, 2004-2015**

A Academia dos Saberes em Aveiro, que é uma instituição que promove o envelhecimento ativo, foi idealizada por Maria Teresa Silva Albuquerque e depois fundada há 11 anos (Visão, 2011). A este propósito, esta professora afirma na página da instituição na internet: “olhando à minha volta, nesta cidade que me viu nascer, mas da qual estive ausente três décadas, dei-me conta que, para além de uma ou duas iniciativas que acabariam por morrer, a cidade de Aveiro não oferecia aos aposentados, aos Maiores como dizem *nuestros hermanos*, oportunidade de aprendizagem de novos conhecimentos, reaprendizagem daqueles já esquecidos e possibilidades de convívio”. Assim, “nasceu em mim a ideia da criação duma Universidade Sénior em Aveiro, que viria a chamar-se Academia de Saberes de Aveiro”. É interessante verificar que esta professora gostaria que a instituição “congregasse na cidade, se possível no seu centro cívico”.

As maiores dificuldades que enfrentou ao longo destes anos residem nas instalações. Nos questionários, verifica-se uma quase unanimidade perante a questão das instalações: 90% de formandos e dos formadores consideram as “instalações” o principal “ponto fraco”, acrescentando que poderiam ser maiores, de forma a criar mais salas de aulas e com melhores condições. Contudo, importa realçar que a Academia dos Saberes de Aveiro esteve instalada em piores condições no início da sua atividade, pois o espaço que generosamente a Santa Casa de Misericórdia de Aveiro não tinha igualmente condições adequadas à missão de uma instituição desta natureza e dimensão.

As informações que nos permitem apreciar a evolução dos formandos desta como da instituição de Cacia foram obtidas nos seus arquivos. Tendo começado com 79 formandos, a Academia dos Saberes de Aveiro tem atualmente 414.

#### **2.1.1. OS FORMANDOS DA ACADEMIA DOS SABERES DE AVEIRO**

As informações que nos permitem apreciar a evolução dos formandos da Academia dos Saberes foram obtidos por leitura e exploração dos dados existente no Arquivo da Academia dos Saberes de Aveiro.

**Quadro 1. Idade dos formandos da Academia dos Saberes em 2004**

IDADE	FREQUÊNCIA
55-64	3
65-74	44
75-84	25
85-94	7
Total	79

Fonte: Arquivo da Academia dos Saberes de Aveiro

Pode-se verificar que em 2004, na Academia dos Saberes de Aveiro, existia uma percentagem de 56% de formandos com a idade compreendida entre os 65 e os 74 anos, 32% com formandos com idades compreendidas entre os 75 e os 84 anos, 9% de formandos entre os 85 e os 94 anos e por fim, 4% com formandos entre os 55 e os 64 anos.

**Quadro 2. Idade dos formandos da Academia dos Saberes em 2015**

IDADE	FREQUÊNCIA
45-54	2
55-64	94
65-74	220
75-84	90
85-94	8
Total	414

Fonte: Arquivo da Academia dos Saberes de Aveiro



Na Academia dos Saberes, predomina a faixa etária entre os 65 e os 74 anos (53%), seguida da faixa etária dos 55 aos 64 anos (21%). Com 22%, seguem-se os formandos com idades compreendidas entre os 75 os 84, os com 85 e 94 anos possuem uma percentagem de 3% e, por fim, os formandos com idades entre os 45 e os 54 anos, que representam uma percentagem reduzida (1%)

Entre 2004 e 2015, a Academia dos Saberes passou de 79 para 414 formandos.

**Quadro 3. Sexo dos formandos da Academia dos Saberes em 2004**

SEXO	FREQUÊNCIA
Feminino	57
Masculino	22
Total	79

Fonte: Arquivo da Academia dos Saberes de Aveiro

Os elementos disponíveis não permitem dúvidas: cerca de três quartos dos formandos são do sexo feminino, confirmando uma das características destas instituições a nível nacional.

**Quadro 4. Sexo dos formandos da Academia dos Saberes em 2015**

SEXO	FREQUÊNCIA
Feminino	320
Masculino	94
Total	414

Fonte: Arquivo da Academia dos Saberes de Aveiro

Uma década depois, a presença feminina é ligeiramente reforçada.

### **2.1.2. DIVERSIDADE DE FORMADORES E DISCIPLINAS DA ACADEMIA DOS SABERES DE AVEIRO**

Como se pode ver nos quadro seguintes, de 2004 para 2015, a Academia dos Saberes de Aveiro registou um extraordinário crescimento, tanto em número de formadores, como de áreas de especialização académica. Tendo iniciado a sua atividade com apenas 8 formadores, no presente ano esse número cifra-se em 34 das mais variados saberes. Estamos, pois, perante uma Academia rica em escolhas possíveis.

**Quadro 1. Idade dos formadores da Academia dos Saberes em 2004**

IDADE	FREQUÊNCIA
35-44	2
45-54	1
65-74	2
75-84	3
Total	8

Fonte: Arquivo da Academia dos Saberes de Aveiro

Como podemos ver, as idades dos formadores da Academia dos Saberes de Aveiro, em 2004, oscilavam, predominantemente, entre 65 e os 84 anos. Mesmo assim, havia um número apreciável de formadores com menos de 55 anos.

**Quadro 2. Idade dos formadores da Academia dos Saberes em 2015**

IDADE	FREQUÊNCIA
25-34	1
35-44	9
45-54	7
55-64	4
65-74	7
75 - 84	5
85-94	1
Total	34

Fonte: Arquivo da Academia dos Saberes de Aveiro

O número de professores da Academia dos Saberes de Aveiro, de 2004 para 2015, aumentou consideravelmente, isto é, passou-se de 8 para 34 professores (um pouco mais de quatro vezes), o que é um bom testemunho do crescimento registado nesse período. Por outro lado, é visível um rejuvenescimento do corpo docente desta universidade sénior. Como vemos, a faixa etária predominante é a dos 35 aos 44 anos, com 29%. Em seguida, tanto a dos 45 aos 54 anos como a dos 65 aos 74 registam uma percentagem de 21%. Dos 75 aos 84 anos essa proporção desce para 15%. Dos 55 aos 64 anos, a percentagem reduz-se para 12%, deixando o intervalo dos 25 aos 34 anos e o dos 85 aos 94 anos com um valor residual de 2%.

**Quadro 3. Sexo dos formadores na Academia dos Saberes em 2004**

SEXO	FREQUÊNCIA
Feminino	4
Masculino	4
Total	8

Fonte: Arquivo da Academia dos Saberes de Aveiro

Este quadro dispensa qualquer consideração, em termos de descrição, pois o número de formadores de ambos os sexos era igual, em 2004. Ficam por saber as razões de tal ter acontecido. Não sabemos se houve intenção em criar esta situação ou se ela aconteceu naturalmente.

**Quadro 4. Sexo dos formadores da Academia dos Saberes em 2015**

SEXO	FREQUÊNCIA
Feminino	22
Masculino	12
Total	34

Fonte: Arquivo da Academia dos Saberes de Aveiro

No presente ano, regista-se um reforço considerável do número de formadores do sexo feminino. A Academia dos Saberes de Aveiro possui, atualmente, mais formadores do sexo feminino ( $\pm 65\%$ ) que do sexo masculino ( $\pm 35\%$ ).

**Quadro 5. Área de especialização dos formadores da Academia dos Saberes em 2004**

ÁREA DE ESPECIALIZAÇÃO	GRAU DE ESPECIALIZAÇÃO	FREQUÊNCIA
Biologia	Licenciatura	1
Educação Especial	Licenciatura	1
Filologia Românica	Licenciatura	1
Filologia Germânica	Licenciatura	2
Química	Licenciatura	1
Teologia Sistemática	Mestrado	1
Sem grau académico		1
Total		8

Fonte: Arquivo da Academia dos Saberes de Aveiro

Pelo Quadro 5, verifica-se que a Academia dos Saberes, em 2004, possuía formadores com formação académica diversificada, desde a Química, à Teologia Sistemática, da Educação Especial à Filologia Românica e às Filologia Germânica e à Biologia. Com Filologia Germânica havia dois formadores. Na Teologia Sistemática, o docente tinha o grau de mestre. Existia também um formador sem qualquer grau académico. É comum em instituições desta natureza haver docentes sem grau académico, pois existem também aulas onde a experiência conta como currículo, como por exemplo aulas de dança, costura, etc. Em 2004, a Academia dos Saberes possuía 8 formadores para 79 alunos.

**Quadro 6. Área de especialização dos formadores da Academia dos Saberes em 2015**

ÁREA DE ESPECIALIZAÇÃO	GRAU DE ESPECIALIZAÇÃO	FREQUÊNCIA
"Direcção"	Licenciatura	1
Biologia	Licenciatura	2
Ciências da Educação	Doutoramento	1
Ciências Religiosas	Licenciatura	1
Dança	Licenciatura	1
Direito	Licenciatura	1
Educação Física	Bacharelato	1
Engenharia do Ambiente	Mestrado	2
Engenharia Electrónica	Licenciatura	1
Filologia Germânica	Licenciatura	1
Filologia Românica	Licenciatura	3
Fisioterapia	Licenciatura	1
Gestão e Marketing	Licenciatura	1
Guitarra Clássica	Curso supletivo	1
História de Arte	Licenciatura	1
Música Sacra	Licenciatura	1
Ortopedista	Licenciatura	1
Professor	Licenciatura	2
Psicologia	Licenciatura	2
Teatro	Licenciatura	1
Teologia	Licenciatura	1
Teologia	Doutoramento	2
Sem grau académico		5
<b>Total</b>		<b>34</b>

Fonte: Arquivo da Academia dos Saberes de Aveiro

O Quadro 6 dá-nos conta da existência de um elevado número de professores com uma muito grande diversidade de conhecimentos distribuídos por diversos graus académicos. Existem 34 professores formados em 22 áreas. Como verificámos nos inquéritos dos questionário, uma parte dos formandos mudou para a Academia dos Saberes precisamente por esta ter um vasto leque de áreas formativas.

De forma sintética, é possível dizer que predomina o grupo etário dos 65-74 ou, se quisermos, um grupo mais alargado o dos 65-84 anos.

Segunda nota relevante: predomínio do feminino. Os elementos disponíveis não permitem dúvidas: cerca de três quartos dos formandos são do sexo feminino, confirmando uma das características destas instituições a nível nacional. Uma década depois, a presença feminina é ligeiramente reforçada.

Terceira nota: entre 2004 e 2015 assistiu-se a um grande crescimento, pois passa-se de 79 para 414 formandos, de 8 para 34 formadores com um grande leque de habilitações e formação. Mas mais novos. Em 2014, 5 dos 8 formadores tinham mais de 65 anos; em 2015, dos 34 formadores, 21 têm entre menos de 64 anos. Houve, pois, um evidente rejuvenescimento do corpo docente.

Feminização do corpo docente. Se no início havia 4 professores e 4 professoras, assistiu-se a uma evidente feminização do corpo docente: dos 34 professores ou formadores, 22 são mulheres, o que representa cerca de 65% do total.

No primeiro ano de funcionamento, 7 dos 8 professores tinham uma licenciatura. Em 2015, a tendência mantinha-se, contando com a colaboração de dois ou três doutores e um mestre. Mas é no domínio das áreas de formação que a diversidade é espantosa (22), o que mostra bem a diversidade da oferta e dos interesses das pessoas que frequentam esta instituição.

Por fim, verifica-se um grande equilíbrio no horário, permitindo-nos dizer que não há disciplinas privilegiadas.

## 2.2. UNIVERSIDADE SÉNIOR DE CACIA

A Universidade Sénior de Cacia foi fundada numa freguesia rural e industrial do norte do concelho de Aveiro. As razões que levaram à sua constituição são muito idênticas às da Academia dos Saberes de Aveiro. Em 2011, alguns cacienses estavam a tentar promover Cacia do ponto de vista cultural, tentando, desse modo, dar à freguesia uma visibilidade que de todo não tinha. Mas tinha, à partida, grandes tradições culturais, como o semanário Ecos de Cacia ou mesmo o Boletim Cultural mantido durante muitos anos na importante fábrica de paste de papel da Portucel.

### 2.2.1. OS FORMANDOS DA ACADEMIA DOS SABERES DE AVEIRO

As informações que nos permitem apreciar a evolução dos formandos da Academia dos Saberes foram obtidos por leitura e exploração dos dados existente no Arquivo da Universidade Sénior de Cacia. Atentemos nos elementos reunidos, que os permitem estabelecer uma comparação com os dados obtidos para a Academia dos Saberes de Aveiro.

**Quadro 1. Idade dos formandos da Universidade Sénior de Cacia no ano lectivo 2011-2012**

IDADE	FREQUÊNCIA
35-40	1
45-50	1
55 -60	10
65-70	20
75-80	11
Total	43

Fonte: Arquivo da Universidade Sénior de Cacia

De 43 formandos, perto de metade (47%) estão na faixa etária dos 65-70 anos. Em seguida estão os dos 75-80 anos (26%), sendo 23% a proporção do grupo dos 55 aos 60 anos.

**Quadro 2. Idade dos formandos da Universidade Sénior de Cacia, 2012-2013**

IDADE	FREQUÊNCIA
35-44	1
45-54	4
55-64	21
65-74	21

85-94	3
Total	50

Fonte: Arquivo da Universidade Sénior de Cacia

De 50 formandos, 84% estão na faixa etária dos 55 aos 74 anos.

**Quadro 3. Idade dos formandos da Universidade Sénior de Cacia, 2013-2014**

IDADE	FREQUÊNCIA
35-44	2
45-54	5
55-64	29
65-74	17
75-84	1
Total	54

Fonte: Arquivo da Universidade Sénior de Cacia

Os grupos etários 55-64 e 65-74 anos representam a maioria dos 54 alunos: 85%.

**Quadro 4. Idade dos formandos da Universidade Sénior de Cacia, 2014-2015**

IDADE	FREQUÊNCIA
45-54	9
55-64	21
65-74	9
75-84	7
Total	46

Fonte: Arquivo da Universidade Sénior de Cacia

Mais uma vez, predomina o grupo dos 55-64 anos, mas, se quisermos, podemos dizer que o grupo dos 55 aos 74 é maioritário de cerca de 65%.

**Quadro 5. Sexo dos formandos da Universidade Sénior de Cacia, 2011-2012**

SEXO	FREQUÊNCIA
Feminino	28
Masculino	15
Total	43

---

Fonte: Arquivo da Universidade Sénior de Cacia

Verifica-se que no ano lectivo 2011-2012 o sexo feminino predominava (65%).

**Quadro 6. Sexo dos formandos da Universidade Sénior de Cacia no ano lectivo 2012-2013**

SEXO	FREQUÊNCIA
Feminino	34
Masculino	16
Total	50

Fonte: Arquivo da Universidade Sénior de Cacia

Neste ano lectivo, predomina o sexo feminino (68%).

**Quadro 7. Sexo dos formandos da Universidade Sénior de Cacia no ano lectivo 2013-2014**

SEXO	FREQUÊNCIA
Feminino	37
Masculino	17
Total	54

Fonte: Arquivo da Universidade Sénior de Cacia

Neste ano, a situação é idêntica, com uma ligeira subida do número de senhoras.

**Quadro 8. Sexo dos formandos da Universidade Sénior de Cacia no ano lectivo 2014-2015**

SEXO	FREQUÊNCIA
Feminino	33
Masculino	13
Total	46

Em 2014-2015 o sexo feminino aumenta a sua representatividade: 72%.

**Quadro 1. Disciplinas da Universidade Sénior de Cacia, 2011-2012 (número de horas por semana)**

DISCIPLINAS	1º SEMESTRE	2º SEMESTRE
Animação e Expressões	2	2
Cidadania e Direito	1	1
Comunicação	1	—
Exercício Físico	2	2



Francês	1	1
Informática	2	2
Inglês	1	1
Laboratório da Memória	1	2
Linguagens, Códigos e as suas Tecnologias	–	1,5
Português	2	2
Saúde e Bem-Estar	2	1,5
Teatro	–	1
Total	15	17

Fonte: Arquivo da Universidade Sénior de Cacia

No primeiro ano, existiam 12 disciplinas, com 15-17 horas semanais. A maioria dos formadores, neste ano, era do sexo feminino (67%).

## 2.2.2. DIVERSIDADE DE FORMADORES E DISCIPLINAS DA UNIVERSIDADE SÉNIOR DE CACIA

Como se pode ver nos quadro seguinte, de 2011 a 2015, a Universidade Sénior de Cacia registou um crescimento limitado, no tocante ao número de formadores.

**Quadro 1. Sexo dos formadores da Universidade Sénior de Cacia, 2011-2015**

SEXO	2011-2012	2012-2013	2013-2014	2014-2015
	FREQ.	FREQ.	FREQ.	FREQ.
Feminino	8	9	8	8
Masculino	4	4	6	6
<b>TOTAIS</b>	<b>12</b>	<b>13</b>	<b>14</b>	<b>14</b>

Fonte: Arquivo da Universidade Sénior de Cacia

Quase poderíamos dizer que nestes anos não se registaram grandes alterações neste domínio. Tendo iniciado a sua atividade com apenas 12 formadores, em 2015 eram apenas 14. Parece que o número de formandos era suficiente para enfrentar o crescimento da procura no curto tempo de existência desta universidade da terceira idade.

Outra evidência, comum a outras universidades da terceira idade, é a predominância do número de formadoras. Sexo feminino dominante: com uma representação esmagadora nos dois primeiros anos, este predomínio das formadoras é atenuado nos dois últimos anos, como se pode ver.

**Quadro 2. Graus académicos dos formadores da Universidade Sénior de Cacia, 2011-2015**

GRAU ACADÉMICO	2011-2012	2012-2013	2013-2014	2014-2015
	FREQ.	FREQ.	FREQ.	FREQ.
Licenciatura	7	6	6	6
Mestrado	4	2	2	2
Doutoramento	1	2	2	2
Sem grau académico	–	3	4	4
<b>TOTAIS</b>	<b>12</b>	<b>13</b>	<b>14</b>	<b>14</b>

Fonte: Arquivo da Universidade Sénior de Cacia

Os quatro elementos sem grau académico é que explicam o ligeiro crescimento registado.

**Quadro 3. Disciplinas da Universidade Sénior de Cacia, 2011-2015 (n.º de horas semestrais)**

DISCIPLINAS	2011-12		2012-13		2013-14		2014-15	
	S1	S2	S1	S2	S1	S2	S1	S2
Alfabetização	–	–	–	–	–	–	1,5	1,5
Animação e Expressões	2	2	1	1	–	–	–	–
Artesanato Urbano	–	–	2	2	2	2	2	–
Dança/Ritmos Latinos	–	–	–	–	1	1	1	1
Direito	–	–	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5
Cidadania e Direito	1	1	–	–	–	–	–	–
Comunicação	–	–	1	–	1	–	–	–
Energias Alternativas – Aplicações	–	–	–	–	–	–	1	1
Espanhol	–	–	–	1	–	1	1	1
Exercício Físico	2	2	–	2	–	2	–	1
Francês	1	1	1	1	1	1	–	1
História	–	–	–	–	–	–	1	1
Informática	2	2	2	2	2	2	2	2
Inglês	1	1	1	1	1	1	2	2
Jogos Tradicionais	–	–	–	1	–	–	–	–
Laboratório da Memória	1	2	1	1	–	–	–	–
Oficina de Costura	–	–	2	2	2	2	2	2
Oficina de Música	–	–	–	1	–	–	–	–
Linguagens, Códigos e Tecnologias	–	1,5	–	1,5			–	–
Português	2	2	1	1	1	1	1	1
Saúde e Bem-Estar	2	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5	1,5
Palestras	–	–	1	1	–	–	–	–
Projetos de Desenvolvimento Local	–	–	–	–	1	1	1	1
Teatro	–	1	–	1	–	–	–	–
<b>TOTAIS</b>	<b>15</b>	<b>17</b>	<b>16</b>	<b>21</b>	<b>15</b>	<b>18</b>	<b>18,5</b>	<b>19,5</b>

Este quadro não é totalmente esclarecedor na medida em que não foi possível, antes da sua realização, inquirir as razões das variações registadas, nomeadamente o aparecimento e desaparecimento de algumas unidades curriculares. Tendo em conta o conjunto de informações fornecidas por algumas pessoas em conversas informais, parece que as disciplinas estão muito ligadas aos formadores que se oferecem para cooperar. Outro aspeto de salientar é o facto de não haver uma qualquer disciplina dominante. A ver pelo número de horas que cada disciplina possui, nomeadamente nas línguas, permite pensar mais em ocupação de tempos livres do que num qualquer programa próximo do de uma universidade do ensino formal.

### **2.3. ANÁLISE DOS INQUÉRITOS**

Como referimos, a informação dos quadros analisados foi recolhida nos arquivos das duas instituições. A informação dos quadros que vamos analisar, agora, reporta-se às respostas obtidas pelos inquéritos por questionário aos formandos, formadores e direções das duas academias.

Desse conjunto responderam apenas 50 formandos, o que corresponde a cerca de 12%. Muitos dos questionários foram colocados praticamente vazios nos envelopes, indicando apenas a idade. Todavia, na Universidade Sénior de Cacia, a percentagem de respondentes é mais elevada. Das 40 pessoas que frequentam atualmente esta instituição responderam 25, o que corresponde a 62,5%. Temos, pois, dois retratos destas instituições mediadas por diferentes amostras. De qualquer modo, a informação referente à Academia dos Saberes de Aveiro é validada por outras informações, nomeadamente os dados do Arquivo, as respostas da Direção e as conversas informais tidas ao longo do processo de pesquisa.



### III. PROPOSTAS DE COOPERAÇÃO

Após várias conversas informais, depois do acesso aos arquivos da Academia dos Saberes e da Universidade Sénior de Cacia, reunimos os membros de ambas as direções para que se conhecessem e, connosco, analisassem as possibilidades de cooperação entre as duas instituições. Foram momentos muito gratificantes.

Na reunião de Outubro, com as duas direções, estiveram presentes a Professora Doutora Cácia Marado e o Doutor Ventura Santos, pela Academia dos Saberes de Aveiro, e o Doutor Porfírio Ramos, pela Universidade Sénior de Cacia. Logo nessa reunião verificámos a existência de uma enorme vontade de cooperação entre as duas instituições, e começámos a enumerar os aspetos em que essa cooperação poderia realizar-se.

Primeiramente, foi fácil verificar que os públicos-alvos das duas organizações eram diferentes. A Academia dos Saberes de Aveiro possui aposentados de “classe média”, como médicos, advogados, professor, funcionários públicos, etc., enquanto a Universidade Sénior de Cacia possui formandos de grupos sociais mais modestos, como técnicos fabris aposentados, etc.

Ambas as direções verificaram com algum espanto que a situação não pode continuar: tão perto uma da outra e as duas universidades da terceira idade têm vivido de costas voltadas. Tão próximas e tão idênticas na sua forma de operar, e nunca cooperaram em qualquer momento! A Universidade Sénior de Cacia encontra-se integrada na rede das universidades seniores (RUTIS); a Academia dos Saberes não, por “receio de perder a autonomia”. Pensamos que muito brevemente a Academia dos Saberes irá alterar a sua posição, pois verificou-se que os ganhos, tanto para esta instituição, como para o movimento são evidentes. Este será, para já, o primeiro fruto desta intervenção.

Discutiram-se as possibilidades de cooperação. Elabou-se uma lista de temas e assuntos a discutir nas próximas reuniões entre as duas associações. As visitas de estudo são algo de comum interesse. Uma das ideias de cooperação que ficou agendada para o início de 2016, seria uma visita a Cacia, à fábrica do papel, seguido-se o Museu do Papel Paços Brandão e poder-se-ia finalizar na fábrica da Renova para se ver os diferentes tipos de papel, de forma a dar a conhecer o valor patrimonial de Cacia à Academia dos Saberes de Aveiro e quem a frequenta, de docentes a formandos.

Também se discutiu outro conjunto vasto de possibilidades de cooperação, das palestras e conferências às aulas conjuntas, aos convívios, à partilha do aluguer de transportes para as visitas e passeios.

As duas organizações poderiam também, em cada início de ano lectivo, realizar uma conferência de imprensa, apresentando resultados, apresentando o programa de atividades para o novo, enunciando e publicitando objectivos comuns para que ambas tenham mais visibilidade social (algo que está a ser trabalhado já pelas academias para o ano letivo 2016-2017).

Outro domínio em que poderia haver cooperação prende-se com as ações de natureza social, nomeadamente a cooperação anual com o Banco Alimentar. O Doutor Porfírio sugeriu a criação de um grupos de construção de árvores genealógicas, algo que já havia tentado e que suscitou bastante interesse por parte dos formandos.

A troca de formadores de instituição para instituição também seria interessante e enriquecedor para docentes e alunos, algo que está em mente para o próximo ano letivo, começando por pequenas convocatórias de participação nas aulas habituais de cada instituição, como disse o Doutor Porfírio: “a troca de docentes e alunos promove um aumento de conhecimentos, de relações interpessoais”.

A Academia dos Saberes de Aveiro terá, nos próximos tempos, uma página no *Diário de Aveiro*, afirmou a Professora Cacilda, convidando a Universidade Sénior de Cacia a juntar-se a eles na crónica, como elogiou “a pertinência do nosso trabalho, afirmando nunca ser tarde para se gerar conhecimento e felicidade, “forma de mudar? Ir mudando com pequenos passos”.

Outra ideia seria propor à imprensa local a publicação de uma pequena crónica sobre envelhecimento ativo e universidades da terceira idade, pois uma coisa é o que se aprende em contexto mais ou menos formal, mas que não chega ao homem comum, tornando mais difícil o acesso da população ao temas discutidos nas conferências da UNESCO. O envelhecimento individual e coletivo são assuntos de grande importância local, nacional e internacional, daí as histórias de vida serem matéria interessante para crónicas de um jornal.

A Professora Cacilda declarou que o trabalho com a comunidade é essencial, e os formandos poderiam estabelecer contactos que nunca tiveram oportunidade de estabelecer, conhecer em toda a sua vida. E as possibilidades são inúmeras, como a promoção da leitura no Estabelecimento Prisional de Aveiro, na reabilitação, criação de clubes de leitura, nas visitas a idosos no hospital, etc. Consequentemente, é gerado nos seniores um sentimento de mudança, de utilidade social e de forte auto-estima.

Falou-se igualmente nos passeios de moliceiro na ria de Aveiro, no conhecimento, valorização e promoção do património natural e cultural da região de Aveiro. Cacia possui um rico património cultural desconhecido da esmagadora maioria da população aveirense.

Outros aspetos que se debateram nas reuniões prendem-se com o facto de nem a Academia dos Saberes nem a Universidade Sénior de Cacia estarem registadas como instituições de utilidade pública.





## CONCLUSÕES

Ao longo de todo o trabalho, procurámos compreender o fenómeno das universidades da terceira idade, recorrendo a uma metodologia que poderíamos designar de genealógica, pois quisemos perceber como nasceu e evoluiu o conceito. Demo-nos conta de que remontando ao séc. XVIII o nascimento do conceito, ele só se estrutura em diálogo com as conferências da UNESCO procurando responder aos desafios da sociedade da informação, designada depois de sociedade do conhecimento e, agora, também das aprendizagens. As universidades da terceira idade, quaisquer que sejam as designações que adotem, são um fenómeno urbano de classe média instruída das sociedades ditas “pós-industriais” preocupadas com o que se convencionou chamar “envelhecimento ativo”, embora, como mostrámos, esse conceito seja interpretado de formas diversas, um pouco ao sabor de conveniências e de posicionamentos sociais e culturais.

Procurámos perceber igualmente os interesses de professores e dos alunos. Aqui gostaríamos de salientar as dificuldades que sentimos ao querer referir-nos às pessoas que frequentam e animam estas coletividades. Não são propriamente “alunos”, mas também é verdade que não são “formandos”. O mesmo se pode dizer dos professores ou formadores. De qualquer modo, não nos pareceu relevante, para já, procurar outra palavra mais adequada porque verificamos que nas duas instituições estudadas e na literatura sobre o tema a oscilação é frequente sem que deixe de se comunicar.

A nossa escolha do tema – *Universidades da Terceira Idade e Envelhecimento Ativo* – ficou a dever-se à preocupação de dar resposta a um problema que por vezes parece passar despercebido na comunidade. Escolhemos a Academia dos Saberes de Aveiro e a Universidade Sénior de Cacia porque são duas instituições do concelho de Aveiro, que têm vivido de costas voltadas. De resto, noutras freguesias de concelhos vizinhos, como o de Ílhavo, passa-se o mesmo, o que nos faz pensar num possível défice de cultura associativa. É de facto mais fácil realizar um conjunto vasto de tarefas em associação do que isoladamente.

Com a ajuda de bibliografia e da pesquisa no terreno, começámos a aperceber-nos de que a temática há muito tempo que era estudada, embora sejam escassos os estudos sobre mecanismos e formas de cooperação entre instituições desta natureza. Tanto a Academia dos Saberes de Aveiro, como a Universidade Sénior de Cacia possuem visibilidade social, ainda que mais circunscrita na universidade da terceira idade de Cacia. Tanto uma como a outra editam boletins de periodicidade regu-

lar onde publicam crónicas, relatos de atividades, saraus, eventos, etc. e que foram de grande utilidade para conhecer melhor esas instituições.

No caso do presente relatório, o nosso objetivo principal foi criar estratégias para que a Universidade Sénior de Cacia e a Academia dos Saberes de Aveiro, sendo duas instituições que apostam na promoção do envelhecimento ativo no concelho de Aveiro, trabalhem um conjunto.

Os seniores, outrora seres ativos profissionalmente na vida, encaram uma nova etapa, repleta de tabus, muitas vezes vistos como alguém que envelhece, logo está perto do fim. Instituições como a Academia dos Saberes de Aveiro e a Universidade Sénior de Cacia não permitem que o *rótulo* de que o idoso é um ser incapaz, sem projetos e objetos seja implantado na comunidade, principalmente na comunidade aveirense. As respostas aos extensos inquéritos por questionário são eloquentes: alunos, professores e direções mostram uma compreensão dos fenómenos atuais que nos permitem perceber a grande diversidade de pontos de vista e a enorme riqueza de propostas e sugestões que por razões que se prendem com a falta de tempo não conseguimos explorar.

Ambas as instituições reconheceram que a cooperação seria vantajosa para ambas as partes. Esse era o ponto central do Relatório: fazer com que as instituições vejam mais além, e que juntem forças para uma luta comum. Por outro lado, apercebemo-nos de que o nosso trabalho promoveu, para lá das promessas de mútua cooperação, o desejo de as duas instituições refletirem sobre si mesmas, sobre o caminho percorrido, como suscitaram, entre formandos e formadores, um debate sobre a natureza deste tipo de instituições, sobre os desafios da sociedade no futuro. Não obstante, a Academia dos Saberes de Aveiro ser mais velha do que a Universidade Sénior de Cacia, são as duas instituições muito novas, o que não nos permite perceber alguns fenómenos sobre os quais quase só podemos especular.

Esperamos, sinceramente, que com este trabalho contribua para que as duas instituições dêem passos decisivos no sentido da cooperação, de modo a poder abrir-se o caminho à fundação de outras experiências sociais e educativas como estas e, mais importante ainda, para que elas contribuam para uma reflexão urgente sobre a relação entre idades e os desafios do chamado envelhecimento ativo.

Pela nossa parte, não iremos parar, até porque ficou muito material não explorado para não tornar muito extenso este relatório.

Por fim, gostaríamos de dizer que a Universidade de Aveiro deveria interessar-se pelo tema das universidades da terceira idade.

## DOCUMENTOS E BIBLIOGRAFIA

Os títulos da Internet encontravam-se disponíveis em dezembro de 2015

### DOCUMENTOS

Academia dos Saberes de Aveiro: <http://www.prof2000.pt/users/avcultur/acadsabaveiro/Historial/Deumexemplode.htm>.

*Boletim informativo da USIDEC*: Universidade Sénior de Cacia

*ECOS, Boletim da Academia dos Saberes*, 2006-2015

ILR – Institute for Learning in Retirement, Washington DC: <http://www1.american.edu/ilr/main.html>

INE – Instituto Nacional de Estatística (2014). Projeções de população residente em Portugal 2012-2060. Retrieved from [https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_destaques&DESTAQUESdest\\_boui=208819970&DESTAQUESmodo=2&xlang=pt](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=208819970&DESTAQUESmodo=2&xlang=pt).

INE – Instituto Nacional de Estatística (2014). População residente em Portugal com tendência para a diminuição e envelhecimento, *Destaque. Informação à Comunicação Social*, 10 de Julho de 2014. Consultado no dia 13-07-2015.

MoveAveiro: [http://www.moveaveiro.pt/01empresa/institucional/info\\_eleiomaia.htm](http://www.moveaveiro.pt/01empresa/institucional/info_eleiomaia.htm).

Pasta de Recortes da Academia dos Saberes de Aveiro

RUTIS. Rede que une as universidades seniores: [www.rutis.pt](http://www.rutis.pt).

UNESCO. (2010). *Relatório Global sobre Aprendizagem e Educação de Adultos*. Brasília: UNESCO.

*Visão*: <http://visao.sapo.pt/actualidade/caravanaviso/envelhecer-ativamente-na-academia-dos-saberes=f607932>.

### BIBLIOGRAFIA SOBRE ENVELHECIMENTO

Albuquerque, C. P. (2014). Um novo contrato de solidariedade intergeracional. Debates e questões críticas. In H. R. A. D. Luz & I. C. Miguel (Eds.), *Gerontologia Social: perspectivas de análise e intervenção* (pp. 7-20). Coimbra: CIS - Centro de Investigação em Inovação Social e Organizacional do Instituto Superior Bissaya Barreto. Retrieved from [http://www.fbb.pt/isbb/wp-content/uploads/sites/8/2014/03/Publicação-GS-COMPLETA\\_Maio-2014-3.pdf](http://www.fbb.pt/isbb/wp-content/uploads/sites/8/2014/03/Publicação-GS-COMPLETA_Maio-2014-3.pdf).

Albuquerque, S. M. R. L. (2005). Envelhecimento ativo: desafio dos serviços de saúde para a melhoria da qualidade de vida dos idosos. São Paulo. Faculdade de Medicina Retrieved from <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=Ink&exprSearch=414284&indexSearch=ID>.

Almeida, M. F. (2007). Envelhecimento: Activo? Bem sucedido? Saudável? Possíveis Coordenadas de Análise... *Forum Sociológico*, 17(2), 17–24. Retrieved from <http://forumsociologico.fcsh.unl.pt/PDF/FS17-Art.2.pdf>.

Bandeira, M. L., Azevedo, A. B., Gomes, C. S., Tomé, L. P., Mendes, M. F., Baptista, M. I. (2012). Apresentação do Projecto de Investigação 'Dinâmicas demográficas e envelhecimento da população portuguesa: evolução

- e perspectivas'. Premissas e objectivos da investigação. Síntese dos primeiros resultados e tendências. Retrieved from <https://www.ffms.pt/upload/docs/cf188adf-cdc8-49 6e -8fb8-8e89516aad00.pdf>.
- Bandeira, M. L., Azevedo, A. B., Gomes, C. S., Tomé, L. P., Mendes, M. F., Baptista, M. I., . . . Cabral, M. V. (2014). *Dinâmicas demográficas e envelhecimento da população portuguesa (1950-2011): evolução e perspectivas*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos. Retrieved from [https://www.ffms.pt/upload/docs/dinamicas-demograficas-e-envelhecimento-da-populac\\_efe8FbqdjUGZx3LduUlzgg.pdf](https://www.ffms.pt/upload/docs/dinamicas-demograficas-e-envelhecimento-da-populac_efe8FbqdjUGZx3LduUlzgg.pdf).
- Boudiny, K., & Mortelmans, D. (2011). A critical perspective: Towards a broader understanding of 'active ageing'. *Sensoria: A Journal of Mind, Brain & Culture*, 7(1), 8-14. Retrieved from <http://ojs.lib.swin.edu.au/index.php/sensoria/article/download/232/242>.
- Campos, A. (2013-08-05). Portugal é o quarto país mais envelhecido da União Europeia. *Público*. Retrived from <http://www.publico.pt/portugal/jornal/portugal-e-o-quarto-pais-mais-envelhecido-da-uniao-europeia-26918990>.
- Cancela, D. M. G. (2007). O processo de envelhecimento. *Psicologia*, 1(1), 1–15.
- Costa, E. C. (2009). Terceira idade: uma construção social. *Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxía e Educación*, 17(1/2). Retrieved from <http://ruc.udc.es/dspace/handle/2183/7633>.
- Cupertino, A. P. F. B., Rosa, F. H. M., & Ribeiro, P. C. C. (2007). Definição de envelhecimento saudável na perspectiva de indivíduos idosos. *Psicologia: Reflexão E Crítica*, 20(1), 81–86. Retrieved from <http://doi.org/10.1590/S0102-79722007000100011>
- Friedli, L. (2009). Mental health, resilience and inequalities. *WHO Regional Office for Europe*. Retrieved from <http://www.mentalhealthpromotion.net/resources/mental-health-resilience-and-inequalities.pdf>
- Junior, G. P. (2005). Sobre alguns conceitos e características de velhice e terceira idade : uma abordagem sociológica. *Revista Linhas*, 6(1), 1-14.
- Kaeser, L., & Roch, P.-A. (2013). Interroger la notion de “vieillessement actif”: émergence, diffusion et applications d'une politique du vieillissement aux conditions nécessaires. *HAL Archives-ouverts RT6 Politiques sociales, protection sociale, solidarités*, 2. Retrieved from <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00817779/document>.
- Kalache, A., Veras, R. P., & Ramos, L. R. (1987). O envelhecimento da população mundial. Um desafio novo. *Revista de Saúde Pública*, 21(3), 200-210.
- Lima, Â. M. M., Silva, H. S., & Galhardoni, R. (2008). Envelhecimento bem-sucedido. *Interface – Comunicação Saúde Educação*, 12(27), 795–807. Retrieved from <http://doi.org/10.1590/S1414-32832008000400010>.
- Locatelli, P. A. P. C., & Cavedon, N. R. (2012). As Representações sociais sobre a velhice e os reflexos na captação de pessoas de uma instituição de longa permanência para idosos de Porto Alegre. *XXXVI ENANPAD* (pp. 1–16). Retrieved from [http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2012\\_GPR772.pdf](http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2012_GPR772.pdf).
- Trejo Maturana, C. (2001). El viejo en la historia. *Acta bioethica*, 7(1), 107-119. Retrieved from [http://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S1726-569X2001000100008&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S1726-569X2001000100008&script=sci_arttext&tlng=pt)
- Pereira, F. (2010). Gerontólogo: motivações e escolhas na construção de uma nova profissão na área da saúde. *Profissão e Vocação. Ensaios sobre grupos profissionais*, 95-114.
- Pereira, F., & Pimentel, H.(2012). Emergência da gerontologia e do gerontólogo. In Pereira (ed.) *Teoria e Prática da Gerontologia: um guia para cuidadores de idosos* (pp. 27-40). Viseu: Psicossoma.
- Pinto, A. M. (2006). Reflexão sobre o envelhecimento em Portugal. *Geriatrics*, 2(11), 74-86. Retrieved from <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/20268>.
- Pinto, M. D. F. (n.d.). *Asilos*. Retrieved from [http://revelarlx.cm-lisboa.pt/fotos/gca/126753\\_1171asilos.pdf](http://revelarlx.cm-lisboa.pt/fotos/gca/126753_1171asilos.pdf).

- Rosa, M. J. V. (1993). O desafio social do envelhecimento demográfico. *Análise Social*, XXVII, 679-689. Retrieved from <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223291769P9JT F5la0Hq76JE3.pdf>.
- Rosa, M. J. V. (2012). *O envelhecimento da sociedade portuguesa*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel Santos.
- Santos, F. H., Andrade, V. M., & Bueno, O. F. A. (2009). Envelhecimento: um processo multifatorial. *Psicologia em Estudo*, 14(1), 3-10. Retrieved from <http://doi.org/10.1590 /S1413-73722009000100002>.
- Silva, L. R. D. F. (2008). Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 15(1), 155-168. Retrieved from <http://www.scielo.org/pdf/hcsm/v15n1/09.pdf>.
- Sousa, L., Galante, H., & Figueiredo, D. (2003). Qualidade de vida e bem-estar dos idosos: um estudo exploratório na população portuguesa. *Revista de Saúde Pública*, 37(3), 364-371. Retrieved from <http://doi.org/10.1590/S0034-89102003000300016>.
- Teixeira, I. N. D'A. O., & Neri, A. L. (2008). Envelhecimento bem-sucedido: uma meta no curso da vida. *Psicologia USP*, 19(1). Retrieved from <http://doi.org/10.1590/S0103-65642008000100010>.
- Tentúgal, R. (2015-07-30). Portugal será o terceiro país com a população mais envelhecida em 2030. *Expresso*. Retrieved from <http://expresso.sapo.pt/sociedade/2015-07-30-Portugal-sera-o-terceiro-pais-com-a-populacao-mais-envelhecida-em-2030>.
- Veloz, M. C. T., Nascimento-Schulze, C. M., & Camargo, B. V. (1999). Representações sociais do envelhecimento. *Psicologia. Reflexão e Crítica*. Retrieved from <http://doi.org/10.1590/S0102-79721999000200015>.
- Wikipedia (s.d.). Active theory. Retrieved from [https://en.wikipedia.org/wiki/Activity\\_theory](https://en.wikipedia.org/wiki/Activity_theory).
- Wikipedia (s.d.). Active ageing. Retrieved from [https://en.wikipedia.org/wiki/Active\\_ageing](https://en.wikipedia.org/wiki/Active_ageing).

#### **BIBLIOGRAFIA SOBRE EDUCAÇÃO E UNIVERSIDADES SENIORES**

- Albuquerque, C. M. S. (2010). Processo ensino-aprendizagem: características o professor eficaz. Retrieved from [http://repositorio.ipv.pt/bitstream/10400.19/470/1/Processo ensino-aprendizagem.pdf](http://repositorio.ipv.pt/bitstream/10400.19/470/1/Processo%20ensino-aprendizagem.pdf).
- Almeida, M. S. M. D. (2012). As universidades da terceira idade: novas aprendizagens ou centros de convívio. Retrieved from <http://run.unl.pt/bitstream/10362/8341/1/TESE%20DE%20MESTRADO.%20MARTA%20ALMEIDA.pdf>.
- Almeida, M. S. M. D. (2012). As universidades da terceira idade: novas aprendizagens ou centros de convívio. Retrieved from <http://run.unl.pt/bitstream/10362/8341/1/TESE%20DE%20MESTRADO.%20MARTA%20ALMEIDA.pdf>.
- Aníbal, A. (2013). Da educação permanente à aprendizagem ao longo da vida e à validação das aprendizagens informais e não formais: recomendações e práticas. CIES e-Working Paper n.º 147/2013. Retrieved from [http://www.cies.iscte.pt/np4/?newsId=453&fileName=CIES\\_WP147\\_Anibal.pdf](http://www.cies.iscte.pt/np4/?newsId=453&fileName=CIES_WP147_Anibal.pdf).
- Aníbal, A. (2013). Da educação permanente à aprendizagem ao longo da vida e à validação das aprendizagens informais e não formais: recomendações e práticas. CIES e-Working Paper n.º 147/2013. Retrieved from [http://www.cies.iscte.pt/np4/?newsId=453&fileName=CIES\\_WP147\\_Anibal.pdf](http://www.cies.iscte.pt/np4/?newsId=453&fileName=CIES_WP147_Anibal.pdf).
- Araújo, L. F. D., & Carvalho, V. Â. M. D. L. E. (2005). Aspectos sócio-históricos e psicológicos da velhice. *MNEME - Revista de Humanidades*, 6(13), 228-236.
- Barros, R. (2011). Genealogia dos conceitos em educação de adultos : da educação permanente à aprendizagem ao longo da vida. Um estudo sobre os fundamentos político-pedagógicos da prática educacional, 26(1), 379–382. Retrieved from <http://revistas.rcaap.pt/rpe/article/download/2996/2411>.

- Bass, A., & Ferraro, F. (2004). Gerontology Education in transition: Considering Disciplinary and Paradigmatic Evolution. *The Gerontologist*, 40(1), 97-106.
- Cachioni, M., & Neri, A. L. (2008). Motivos e vantagens associados ao exercício da docência em Universidades da Terceira Idade. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, 13(1), 27-54. Retrieved from <http://seer.ufrgs.br/index.php/RevEnveIhecer/article/view/6946>.
- Castro, J. D. S. (2010). *A importância do animador sociocultural na terceira idade: uma análise exploratória*. Dissertação de Mestrado. Retrieved from <http://repositorio.utad.pt//handle/10348/684>.
- Coutinho, C. P., & Lisboa, E. S. (2011). Sociedade da informação, do conhecimento e da aprendizagem: desafios para educação no século XXI. *Revista de Educação*, 18(1), 5-22. Retrieved from [http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/14854/1/Revista\\_Educação,VolXVIII,nº1\\_5-22.pdf](http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/14854/1/Revista_Educação,VolXVIII,nº1_5-22.pdf)
- Crawford, D. L. (2004). The role of aging in adult learning: Implications for instructors in higher education. *New Horizons for Learning (December)*. Retrieved from [http://grwfriedman.pbworks.com/w/file/fetch/70812003/The Role of Aging in Adult Learning.docx](http://grwfriedman.pbworks.com/w/file/fetch/70812003/The%20Role%20of%20Aging%20in%20Adult%20Learning.docx)
- Delors, J. (1998). *Educação: um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Séc. XXI*. São Paulo: Cortez Editora.
- Irigaray, T. Q., & Schneider, R. H. (2008). Participação de idosas em uma universidade da terceira idade: motivos e mudanças ocorridas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24(2), 211-216. Retrieved from <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v24n2/10.pdf>.
- Jacob, L. (2012). Universidade seniores: criar novos projetos de vida. III Congresso Mundial Do Envelhecimento Ativo. Retrieved from [http://www.asas.chrome.pt/doc/criarnovosprojectosdevida\\_luisjacob.pdf](http://www.asas.chrome.pt/doc/criarnovosprojectosdevida_luisjacob.pdf)
- López Gómez, J. E. (2005). La Universidad de mayores José Saramago. Una realidad consolidada. *Idea La Mancha*, 2. Retrieved from <http://redined.mecd.gob.es/xmlui/bitstream/handle/11162/93530/00620073000083.pdf?sequence=1>.
- Loureiro, M. (2011). Aprender na 3.ª idade: uma mudança de paradigma. *Revista Transdisciplinar de Gerontologia*, IV(1), 62-69. Retrieved from <http://files.rtgerontologia.webnode.pt/200000061-b2b44b3ae3/RTG2011.pdf>.
- Manerich, D., Sandri, J., & Knoll, B. (2008). Psicologia e Educação: Universidade da Terceira Idade: reflexões sobre preconceitos e projetos. In Ploner, K. S., et al., org. *Ética e paradigmas na psicologia social*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. Retrieved from <http://books.scielo.org/id/qfx4x/pdf/ploner-9788599662854-12.pdf>.
- Martins, R. M. L. (2010). Os idosos e as actividades de lazer. *Millenium*, 38, 243-251. Retrieved from <http://www.ipv.pt/millenium/Millenium38/>.
- Oliveira, R. D. C., Scortegagna, P. A., & Oliveira, F. D. S. (2009). Mudanças sociais e saberes: o papel da educação na terceira idade. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, 6(3), 382-392. Retrieved from <http://www.upf.br/seer/index.php/rbceh/article/viewArticle/278>.
- Ordonez, T. N., & Cachioni, M. (2009). Universidade aberta à terceira idade: a experiência da Escola de Artes, Ciências e Humanidades. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, 6(1), 74-86. Retrieved from <http://www.upf.edu.br/seer/index.php/rbceh/article/viewArticle/150>.
- Pintassilgo, J. A. S. (2008). Imprensa de educação e ensino, universidades populares e renovação pedagógica. *Cadernos de História da Educação*, 5. Retrieved from <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/viewFile/403/383>.
- Pinto, M. (n.d.). As Universidades da Terceira Idade em Portugal: das origens aos novos desafios do futuro, *Revista da Faculdade de Letras "Línguas e Literaturas", Porto, XX, II*, 467-478. Retrieved from <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8208.pdf>.

- Pinto, M. D. G. L. C. (2003). As Universidades da Terceira Idade em Portugal: das origens aos novos desafios do futuro. *Revista da Faculdade de Letras 'Línguas e Literatura'*, XX, II. Retrieved from <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/8199/2/3977.pdf>.
- Pinto, M. D. G. L. C. (2008). Da aprendizagem ao longo da vida ou do exemplo de uma relação ternária: agora, antes, depois. Retrieved from <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/30615/3/daaprendizagemobracompleta000096702.pdf>.
- Pinto, M. da G. (2003). Da Importância de programas destinados à educação de seniores na sociedade de hoje: as universidades da terceira idade em Portugal. *Envelhecer em Saúde*, 9, 1-14). Retrieved from [http://www.rutis.pt/documentos/conteudos/ensino utis maria da graa.pdf](http://www.rutis.pt/documentos/conteudos/ensino%20utis%20maria%20da%20graa.pdf).
- Requejo Osorio, A. (2009). La Educación 'no formal' de Adultos: Ciudad Educativa y 'Ciudad sana' en el contexto del desarrollo comunitario y la intervención socioeducativa en la 'Tercera Edad'. *Teoría de la Educación. Revista Interuniversitaria*, 6(0). Retrieved from [http://campus.usal.es/~revistas\\_trabajo/index.php/1130-3743/article/view/302](http://campus.usal.es/~revistas_trabajo/index.php/1130-3743/article/view/302).
- Robalo, H. (2013-06-13). Portugal tem a maior rede de universidades seniores do mundo. *Diário de Notícias*. Retrieved from <http://www.dn.pt/portugal/interior/universidades-da-terceira-idade-querem-quadro-legal-3091169.html>.
- Rodrigues, R. E. P. A. (2012). Universidades da Terceira Idade: duas décadas de intervenção em Portugal. Dissertação de mestrado da Escola Superior de Educação de Lisboa. Retrieved from [http://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/2385/1/Universidades %20da%20Terceira%20IdadeDuas%20Décadas%20de%20Intervenção%20em%20Portugal.pdf](http://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/2385/1/Universidades%20da%20Terceira%20IdadeDuas%20Décadas%20de%20Intervenção%20em%20Portugal.pdf).
- Santos, B. D. S. (2008). *A Universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade*. Coimbra: Almedina.
- Silva, E. N. da. (2005). Sociedade do conhecimento ou sociedade das ilusões? *Educação & Sociedade*, 26(93). Retrieved from <http://doi.org/10.1590/S0101-73302005000400022>.
- Valdés, R., Pilz, D., Rivero, J., Machado, M. M., & Walder, G. (2014). Contribuições conceituais da educação de pessoas jovens e adultas: rumo à construção de sentidos comuns na diversidade. Goiânia: Universidade Federal de Goiânia. Retrieved from <http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002247/224714por.pdf>.
- Veloso, E. (2004). Políticas e contextos educativos para os idosos: um estudo sociológico numa Universidade da Terceira Idade em Portugal. Tese de Doutoramento em Sociologia. Retrieved from <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/908>.
- Veloso, E. (2008). A análise da política da terceira idade em Portugal, de 1976 a 2002. *Proceedings from VI Congresso Português de Sociologia. Mundos sociais: saberes e práticas*. Retrieved from [http://mnfd.sad.iscte.pt/APS2008\\_ProgramaGeral.pdf](http://mnfd.sad.iscte.pt/APS2008_ProgramaGeral.pdf).
- Veloso, E. C. (2000). As Universidades da Terceira Idade em Portugal: Contributos para uma caracterização. In *IV Congresso Português de Sociologia* (pp. 1–6). Retrieved from [http://www.aps.pt/cms/docs\\_prv/docs/DPR462de237927ce\\_1.PDF](http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR462de237927ce_1.PDF).

## BIBLIOGRAFIA GERAL

- Bauman, Z. (1999). *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Bauman, Z. (2008). *Medo líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.





## APÊNDICES

## **APÊNDICE 1. QUESTIONÁRIO AOS FORMANDOS DAS INSTITUIÇÕES**







## **APÊNDICE 2. QUESTIONÁRIO AOS DOCENTES DAS INSTITUIÇÕES**











### **APÊNDICE 3. QUESTIONÁRIO ÀS DIREÇÕES DAS INSTITUIÇÕES**

#### **APÊNDICE 4. RESPOSTAS AOS QUESTIONÁRIOS AOS DOCENTES DAS INSTITUIÇÕES**











## **APÊNDICE 5. RESPOSTAS AOS INQUÉRITOS POR QUESTIONÁRIOS**

### 5.1. ACADEMIA DOS SABERES DE AVEIRO-INQUÉRITOS AOS FORMANDOS

**Quadro 1. Idade dos formandos da Academia dos Saberes**

IDADE	FREQUÊNCIA
50-60	5
61-70	37
71-80	7
81-90	1
Total	50

Fonte: Inquéritos aos formandos da Academia dos Saberes de Aveiro

**Quadro 2. Sexo dos formandos da Academia dos Saberes**

SEXO	FREQUÊNCIA
Feminino	39
Masculino	11
Total	50

Fonte: Inquéritos aos formandos da Academia dos Saberes de Aveiro

**Quadro 3. Última profissão exercida pelos formandos da Academia dos Saberes**

PROFISSÃO	FREQUÊNCIA
Administrativo	6
Assistente Social	2
Bancário	3
Doméstico	1
Engenheiro	4
Escriturário	1
Ferrovário	1
Função Pública	11
Geólogo	1
Ministério da Finanças	2
Ministério Público	2
Professor	15
“Técnico”	1
Total	50

Fonte: Inquéritos aos formandos da Academia dos Saberes de Aveiro

**Quadro 4. Residência dos formandos da Academia dos Saberes**

FREGUESIA	FREQUÊNCIA
Aradas	9
Eixo	2
Esgueira	3
Gafanha da Nazaré	1
Glória	3
São Bernardo	6
Vera Cruz	26
Total	50

Fonte: Inquéritos aos formandos da Academia dos Saberes de Aveiro

**Quadro 5. Tempo de frequência na instituição dos formandos da Academia dos Saberes**

ANOS	FREQUÊNCIA
1-5	27
6-11	23
Total	50

Fonte: Inquéritos aos formandos da Academia dos Saberes de Aveiro

**Quadro 6. Que outras instituições frequentaram?**

INSTITUIÇÕES	FREQUÊNCIA
Fundação Prior Sardo	1
Instituto Superior de Ciências da Informação e Administração (ISCIA)	1
Universidade Sénior de Cacia	1
Universidade Sénior de São Bernardo	1
Total	3

Fonte: Inquéritos aos formandos da Academia dos Saberes de Aveiro

**Quadro 7. Por que razão mudou da instituição em que se encontrava anteriormente?**

MOTIVOS (RESPOSTA ABERTA)	FREQUÊNCIA
A inexistência de uma área musical/de dança.	1
Encerramento	1
“A atual instituição onde me encontro proporciona muito mais a nível formal e informal”.	1
Total	3

Fonte: Inquéritos aos formandos da Academia dos Saberes de Aveiro

**Quadro 8. Que motivações para a frequência desta instituição? (pode assinalar mais que uma opção)**

MOTIVO	FREQUÊNCIA
Amizades	50
Combate à Solidão	5
Necessidade de Companhia	4
Gosto em saber mais	47
Outros, quais	“sentir a mente ocupada” “ocupação de tempos livres”

Fonte: Inquéritos aos formandos da Academia dos Saberes de Aveiro

**Quadro 9. Defina velhice no âmbito físico e mental?**

“O QUE É A VELHICE?”	FREQUÊNCIA
Ciclo da vida	27
Limitações	16
Falta de motivação	6
“Desistir do que nos dava prazer”	2
Desinteresse geral	4
Degradação	1
Fase Natural da vida	29
“Envelhecer é inevitável, mas ficar velho é opção”	38
Doenças consequentes da idade avançada, psicológicas e físicas	22
“Corpo é uma máquina que se deteora”	1
Isolamento	1
Oportunidade de saborear a vida com calma e serenidade	3
“Só é velho quem quer”	31

“Uma chatice”	7
“Não é uma doença”	8

Fonte: Inquéritos aos formandos da Academia dos Saberes de Aveiro

#### Quadro 10. Como é que a população ativa deveria olhar os idosos?

MANEIRA COMO A POPULAÇÃO ATIVA DEVERIA OLHAR OS IDOSOS	FREQUÊNCIA
“Como pessoas válidas”	26
“De uma forma mais atenta para um melhor aproveitamento das suas potencialidades”	36
“Ex-ativo”	9
“Não os considerar empecilhos”	2
“Têm que os ver como parceiros na luta de uma sociedade melhor”	14
“Uma mais valia pela experiência que têm”	16
Afectividade	24
Carinho	48
Compreensão	32
Elementos de sabedoria	42
Entre-ajuda	11
Forma natural	4
Respeito	47
Solidariamente	13

Fonte: Inquéritos aos formandos da Academia dos Saberes de Aveiro

#### Quadro 11. O que entende por envelhecimento ativo?

“A família tem que fazer sentir que o idoso é útil”	21
“Em qualquer fase das nossas vidas temos que ter um papel ativo na sociedade”	37
“Estar ocupado”	41
“Fazer tarefas que nos dão prazer”	24
“Não se deixar vencer pelo peso dos anos”	18
Aprender coisas novas	12
Aproveitar novas experiências	39
Aumento de relações pessoais	48
Fazer algo útil	38
Frequentar locais motivadores a uma vida ativa	36
Realizar tarefas que elevem a auto-estima	22
Ter sonhos e projetos	28

Fonte: Inquéritos aos formandos da Academia dos Saberes de Aveiro

**Quadro 12. De que modo a Universidade Sénior alterou a sua maneira de encarar a vida e o mundo?**

<b>“COMO ALTEROU A SUA MANEIRA DE ENCARAR A VIDA E O MUNDO?”</b>	<b>FREQUÊNCIA</b>
“A Academia obriga a um estar ativo”.	32
“Abriu-me horizontes”	42
“Apesar da idade é possível aprender”	39
“Deu sentido à vida ativa”	32
“Não mudou nada”	9
“Passei a dar muito de mim aos outros”	26
“Tornei-me mais compreensivo devido à variedade de personalidades”	26
“Tornei-me numa pessoa mais positiva”	14
Aumento de atividades	16
Confiança	34
Crescimento pessoal	41
Esquecer a solidão	19
Estar informado	33
Felicidade	39
Fuga à inactividade	14
Harmonia	24
Passeios	12
Troca de experiências	42
Valorização da dignidade de qualquer um	21

Fonte: Inquéritos aos formandos da Academia dos Saberes de Aveiro

**Quadro 13. Como se sente na instituição? (1: razoavelmente; 2: bem e 3: muito bem)**

<b>AVALIAÇÃO</b>	<b>FREQUÊNCIA</b>
1	--
2	15
3	35
Total	50

Fonte: Inquéritos aos formandos da Academia dos Saberes de Aveiro

**Quadro 14. Quais os pontos fortes desta instituição?**

PONTOS FORTES	FREQUÊNCIA
Instalações	3
Docentes	23
Companheirismo	28
Formação/Novos Conhecimentos	27
Passeios	23
Outros, quais	Oportunidade de realizar voluntariado

Fonte: Inquéritos aos formandos da Academia dos Saberes de Aveiro

**Quadro 15. Quais os pontos fracos desta instituição?**

PONTOS FRACOS	FREQUÊNCIA
Instalações	30
Docentes	1
Companheirismo	1
Formação/Novos Conhecimentos	1
Passeios	2
Outros, quais	“Sinto mais preocupação na formação pessoal e não na curricular” “Falta de cooperação com outras instituições”

Fonte: Inquéritos aos formandos da Academia dos Saberes de Aveiro

**Quadro 16. Que fazer para um maior reconhecimento social de instituições desta natureza?**

RECONHECIMENTO SOCIAL	FREQUÊNCIA
“Sair mais das instalações”	28
Fazer parte do programa do Governo: Apoio e Solidariedade Social e Combate à Solidão	2
Haver atividade de intercâmbio com outras instituições	31
Integração de uma instituição Estatal	11
Maior divulgação	42
Publicação na comunicação social	16
Reconhecimento governamental	39

Fonte: Inquéritos aos formandos da Academia dos Saberes de Aveiro

**Quadro 17. Gostou de responder a este questionário?**

Sím	44
Não	6
Total	50

Fonte: Inquéritos aos formandos da Academia dos Saberes de Aveiro

**Quadro 18. De que gostou menos neste questionário?**

ASPETOS NEGATIVOS	FREQUÊNCIA
Demasiado extenso	3
Pouco tempo para o fazer	2
Pedido de conceitos	1

Fonte: Inquéritos aos formandos da Academia dos Saberes de Aveiro

**Quadro 19. De que gostou mais neste questionário?**

ASPETOS POSITIVOS	FREQUÊNCIA
"Pôde mostrar que ainda me sinto "gente" e sou feliz"	4
Tem perguntas pertinentes	38
Incentiva o Envelhecimento Ativo	44
"Terem-se lembrado que existimos"	17
Interesse na 3ª Idade	25
Perguntas de escolha múltipla	2

Fonte: Inquéritos aos formandos da Academia dos Saberes de Aveiro

**Quadro 20. Que outras perguntas gostariam de responder?**

Não obtive qualquer resposta nesta pergunta
---



Fonte: Inquéritos aos formandos da Academia dos Saberes de Aveiro

**Quadro 21. Perguntou-se aos formandos da Academia dos Saberes se estariam disponíveis para participar num colóquio sobre a problemática do envelhecimento ativo**

Sim	26
Não	13
Talvez	2
Total	41

Fonte: Inquéritos aos formandos da Academia dos Saberes de Aveiro

**Quadro 22. Que vantagens vêm os formandos na cooperação entre as instituições Aveiro e Cacia?**

VANTAGENS NA COOPERAÇÃO	FREQUÊNCIA
Aproximação das populações	3
Desconhece a Universidade Sénior de Cacia	40
Intercâmbio e troca de experiências	4
Novas pessoas, novos relacionamentos, novas amizades	2

Fonte: Inquéritos aos formandos da Academia dos Saberes de Aveiro

**Quadro 23. Que desvantagens vêm na cooperação entre as instituições Aveiro e Cacia?**

DESVANTAGENS NA COOPERAÇÃO	FREQUÊNCIA
“A de Cacia e a de Aveiro têm interesses diferentes”	1
Distância	2
Nenhuma	36

Fonte: Inquéritos aos formandos da Academia dos Saberes de Aveiro

**Quadro 24. De que modo as duas instituições poderiam partilhar recursos?**

COMO PARTILHAR RECURSOS: AVEIRO E CACIA	FREQUÊNCIA
Organizar atividades lúdicas em conjunto	41

Troca de formadores para haver mais oferta formativa	38
Convívios	41
Viagens	44
Música, criar um grupo musical	6
“Aproveitando o que melhor existe de cada uma”	26
“A união faz a força”	38

Fonte: Inquéritos aos formandos da Academia dos Saberes de Aveiro

## 5.2. ACADEMIA DOS SABERES DE AVEIRO – INQUÉRITOS AOS FORMADORES

**Quadro 1. Idade dos docentes da Academia dos Saberes de Aveiro**

IDADES	FREQUÊNCIA
30-40	2
41-50	1
61-70	4
71-80	1
81-90	1
Total	9

Fonte: Inquéritos aos Docentes da Academia dos Saberes de Aveiro

**Quadro 2. Sexo dos docentes da Academia dos Saberes de Aveiro**

SEXO	FREQUÊNCIA
Feminino	5
Masculino	4
Total	9

Fonte: Inquéritos aos Docentes da Academia dos Saberes de Aveiro

**Quadro 3. Qual era a profissão anterior dos docentes da Academia dos Saberes de Aveiro**

PROFISSÃO	FREQUÊNCIA
Educador de Infância	1
Investigador	1
Professor	7
Total	9

Fonte: Inquéritos aos Docentes da Academia dos Saberes de Aveiro

**Quadro 4. Área de residência dos docentes da Academia dos Saberes de Aveiro**

FREGUESIA	FREQUÊNCIA
Gafanha da Nazaré	1
Glória	2
Santa Joana	2
São Bernardo	4
Total	9

Fonte: Inquéritos aos Docentes da Academia dos Saberes de Aveiro

**Quadro 5. Tempo de frequência dos docentes na Academia dos Saberes de Aveiro**

TEMPO DE FREQUÊNCIA	FREQUÊNCIA
1 ano	1
3 anos	3
4 anos	1
6 anos	1
7 anos	1
10 anos	1
11 anos	1
Total	9

Fonte: Inquéritos aos Docentes da Academia dos Saberes de Aveiro

**Quadro 6. Perguntou-se aos docentes da Academia dos Saberes de Aveiro, que outras instituições havia frequentado**

INSTITUIÇÕES	FREQUÊNCIA
Universidade Sénior da Curia	1
Universidade Sénior de Oliveira do Bairro	1
Total	2

Fonte: Inquéritos aos Docentes da Academia dos Saberes de Aveiro

**Quadro 7. Perguntou-se aos docentes da Academia dos Saberes de Aveiro porque haviam mudado de instituição**

MOTIVO	FREQUÊNCIA
Encerramento	1

Fonte: Inquéritos aos Docentes da Academia dos Saberes de Aveiro

**Quadro 8. Que motivações, possuem os docentes da Academia dos Saberes de Aveiro, para a frequência desta instituição (poderiam assinalar mais que uma opção)**

MOTIVAÇÕES	FREQUÊNCIA
Amizades	8
Combate à Solidão	1
Necessidade de Companhia	--
Gosto em saber mais	5
Outro:	Oportunidade de continuar a exercer, ensinar

Fonte: Inquéritos aos Docentes da Academia dos Saberes de Aveiro

**Quadro 9. Aos docentes: como define velhice no âmbito físico e mental**

CONCEITO “VELHICE”	FREQUÊNCIA
Dores	2
Estado de espírito	4
Falta de motivação	1
Ganho de experiência	2

Fonte: Inquéritos aos Docentes da Academia dos Saberes de Aveiro

**Quadro 10. Perguntou-se aos docentes da Academia dos Saberes de Aveiro, como é que a população ativa deveria olhar os idosos**

FORMAS DE TRATAR OS IDOSOS	FREQUÊNCIA
Respeito	9
Futuro próximo	6
Pessoas ricas em experiência e sabedoria	3

Fonte: Inquéritos aos Docentes da Academia dos Saberes de Aveiro

**Quadro 11. Os docentes da Academia dos Saberes de Aveiro, definem envelhecimento ativo**

ENVELHECIMENTO ATIVO	FREQUÊNCIA
Aceitação de limitações	6
Atividades	4
Combate aos pensamentos negativos	2
Não se isolar do mundo	4

Fonte: Inquéritos aos Docentes da Academia dos Saberes de Aveiro

**Quadro 12. “De que modo, o tempo da Academia/Universidade Sénior alterou a sua maneira de encarar a vida e o mundo? Porquê?”**

COMO ENCARA O MUNDO AGORA?	FREQUÊNCIA
Possibilidade de nos superarmos	2
Conhecimento da realidade das pessoas aposentadas	3
“Com mais vontade de viver”	2
“Valorizar o que tenho”	1
Não me senti reformada, continuei a exercer	7

Fonte: Inquéritos aos Docentes da Academia dos Saberes de Aveiro

**Quadro 13. Pontos fortes da Academia dos Saberes de Aveiro, de acordo com os docentes**

Instalações	--
Docentes	7
Companheirismo	6
Formação/Novos Conhecimentos	7
Passeios	7

Fonte: Inquéritos aos Docentes da Academia dos Saberes de Aveiro

**Quadro 14. Pontos fracos da Academia dos Saberes de Aveiro, de acordo com os docentes**

Instalações	9
Docentes	--
Companheirismo	--

Formação/Novos Conhecimentos	--
Passeios	--
Outros:	Falta de espaço
Fonte: Inquéritos aos Docentes da Academia dos Saberes de Aveiro	

**Quadro 15. Para os docentes, o que deve a Academia dos Saberes de Aveiro fazer para um maior reconhecimento social e cultural desta instituição?**

RECONHECIMENTO SOCIAL	FREQUÊNCIA
Criar grupos a par com outras instituições: dança, teatro, música.	3
Maior divulgação	2
Credibilidade	4
Compromisso dos alunos na divulgação positiva	2
“Boca a boca”	3
Autarquia que assuma estas instituições como uma mais valia à sociedade	5
“Abrirem-se à comunidade”	2
Fonte: Inquéritos aos Docentes da Academia dos Saberes de Aveiro	

**Quadro 16. Perguntou-se aos docentes se socialmente vêm necessidade em criar mais instituições deste tipo**

Sim	9
Fonte: Inquéritos aos Docentes da Academia dos Saberes de Aveiro	

**Quadro 17. Perguntou-se aos docentes que tipo de ajudas/apoios a Universidade recebe ou gostaria de receber**

Recebem já apoio da autarquia- instalações	2
Fonte: Inquéritos aos Docentes da Academia dos Saberes de Aveiro	

**Quadro 18. Os docentes respondem à pergunta: o público-alvo é homo ou heterogéneo?**

Heterogéneo	2
Homogeneidade em termos culturais	6

Fonte: Inquéritos aos Docentes da Academia dos Saberes de Aveiro

**Quadro 19. De acordo com os docentes, para frequentar uma universidade sénior é necessário:**

Capacidade económica	7
Viver junto da área de acção	2
Querer partilhar experiências	2
Ter vontade	9
Motivação	8
Ser sénior	5

Fonte: Inquéritos aos Docentes da Academia dos Saberes de Aveiro

**Quadro 20. Relativamente ao Modelo de gestão, como evoluiu este?**

Muito criativo	8
Flexível	8

Fonte: Inquéritos aos Docentes da Academia dos Saberes de Aveiro

**Quadro 21. Os pontos fortes do Modelo de Gestão, de acordo com os docentes consistem em:**

Abertura	9
Alegria	8
Proximidade	8
Unidade entre os membros da direcção	8

Fonte: Inquéritos aos Docentes da Academia dos Saberes de Aveiro



**Quadro 22. Que pontos fracos considera que o Modelo de Gestão tem?**

Carece de disponibilidade de tempo	4
Capacidades físicas limitadas	5
Falta de uma equipa de apoio de saberes e competências	7

Fonte: Inquéritos aos Docentes da Academia dos Saberes de Aveiro

**Quadro 23. Existirá um modelo ideal? Porquê?**

“O caminho faz-se caminhando”	1
“Desde que se valorize as pessoas, tudo é possível”	3
“O ideal seria óptimo, que é inimigo do bom”	1

Fonte: Inquéritos aos Docentes da Academia dos Saberes de Aveiro

**5.3. ACADEMIA DOS SABERES DE AVEIRO – INQUÉRITO À DIREÇÃO****Quadro 1. Idade dos elementos da direção da Academia dos Saberes**

IDADES	FREQUÊNCIA
61-70	2
71-80	1
Total	3

Fonte: Inquéritos à Direção da Academia dos Saberes de Aveiro

**Quadro 2. Sexo dos elementos da direção da Academia dos Saberes**

SEXO	FREQUÊNCIA
Feminino	2
Masculino	1
Total	3

Fonte: Inquéritos à Direção da Academia dos Saberes de Aveiro

**Quadro 3. Última profissão exercida pelos elementos da direção da Academia dos Saberes**

PROFISSÃO	FREQUÊNCIA
Administrativo	1
Função Pública	1
Técnico Superior de Serviço Social	1

Fonte: Inquéritos à Direção da Academia dos Saberes de Aveiro

**Quadro 4. Residência dos elementos da direção da Academia dos Saberes**

RESIDÊNCIA	FREQUÊNCIA
Aveiro	3

Fonte: Inquéritos à Direção da Academia dos Saberes de Aveiro

**Quadro 5. Tempo de frequência na instituição dos elementos da direção da Academia dos Saberes**

TEMPO DE FREQUÊNCIA	FREQUÊNCIA
5 anos	1
10 anos	1
11 anos	1
Total	3

Fonte: Inquéritos à Direção da Academia dos Saberes de Aveiro

**Quadro 6. Perguntou-se aos elementos da direção que outras instituições haviam frequentado antes**

INSTITUIÇÕES	FREQUÊNCIA
Universidade Sénior de São Bernardo	1
ISCIA	1

Fonte: Inquéritos à Direção da Academia dos Saberes de Aveiro

**Quadro 7. Perguntou-se aos elementos da direção da Academia dos Saberes a razão de mudar da instituição em que se encontrava anteriormente**

MOTIVO	FREQUÊNCIA
Encerramento	1

Fonte: Inquéritos à Direção da Academia dos Saberes de Aveiro

**Quadro 8. Pediu-se que os elementos da direção da Academia dos Saberes assinalassem as motivações para a frequência desta instituição (em que poderiam assinalar mais que uma opção)**

MOTIVOS	FREQUÊNCIA
Amizades	3
Combate à Solidão	2
Necessidade de Companhia	2
Gosto em saber mais	2

Fonte: Inquéritos à Direção da Academia dos Saberes de Aveiro

**Quadro 9. Pediu-se aos elementos da direção da Academia dos Saberes para definir velhice no âmbito físico e mental**

CONCEITO “VELHICE”	FREQUÊNCIA
Cansaço	1
Processo natural	2
“Mentalmente, só é velho quem quer”	1

Fonte: Inquéritos à Direção da Academia dos Saberes de Aveiro

**Quadro 10. Perguntou-se aos elementos da direção da Academia dos Saberes como é que a população ativa deveria olhar os idosos**

COMO DEVERIA A POPULAÇÃO ATIVA OLHAR OS IDOSOS	FREQUÊNCIA
Respeito	3
Sabedoria	3

Fonte: Inquéritos à Direção da Academia dos Saberes de Aveiro

**Quadro 11. Perguntou-se aos elementos da direção da Academia dos Saberes o que entenderiam por envelhecimento ativo**

CONCEITO “ENVELHECIMENTO ATIVO”	FREQUÊNCIA
Não ter idade para continuar a sua instrução	2
Continuar a aprender	3
Disfrutar da idade	3
Integração na sociedade	2
Na família	1
Projetos	3

Fonte: Inquéritos à Direção da Academia dos Saberes de Aveiro

**Quadro 12. Perguntou-se aos elementos da direção da Academia dos Saberes, de que modo, o tempo da Academia/Universidade Sénior alterou a sua maneira de encarar a vida e o mundo. Porquê?**

“DE QUE FORMA ALTEROU A SUA MANEIRA DE ENCARAR A VIDA?”	FREQUÊNCIA
Partilhando conhecimentos obtendo reciprocidade	2
Fortalecer contatos informais	1
Estas instituições obrigam-nos a refletir, a pensar na nossa maneira de encarar o mundo	2

Fonte: Inquéritos à Direção da Academia dos Saberes de Aveiro

**Quadro 13. Pediu-se aos elementos da direção da Academia dos Saberes da Academia dos Saberes que indicassem os pontos fortes desta instituição**

PONTOS FORTES	FREQUÊNCIA
Instalações	1
Docentes	3
Companheirismo	3
Formação/Novos Conhecimentos	3
Passeios	3
Outros:	Reforço do pensamento, da reflexão, geração de novos interesses

Fonte: Inquéritos à Direção da Academia dos Saberes de Aveiro

**Quadro 14. Pediu-se aos elementos da direção da Academia dos Saberes que indicassem os pontos fracos desta instituição**

PONTOS FRACOS	FREQUÊNCIA
Instalações	2
Docentes	--
Companheirismo	--
Formação/Novos Conhecimentos	--
Passeios	--
Outros:	Poucas instalações

Fonte: Inquéritos à Direção da Academia dos Saberes de Aveiro

**Quadro 15. Perguntou-se aos elementos da direção da Academia dos Saberes o que fazer para um maior reconhecimento social e cultural desta instituição**

Aumentar a divulgação no exterior	1
Envolver o público externo	2
Abertura da instituição à sociedade	2
O Estado reconhecer a importância destas instituições que no plano social que no plano de saúde público	3

Fonte: Inquéritos à Direção da Academia dos Saberes de Aveiro

**Quadro 16. Perguntou-se aos elementos da direção da Academia dos Saberes se socialmente, existe uma necessidade em criar mais instituições deste tipo**

"VÊM NECESSIDADE EM CRIAR MAIS INSTITUIÇÕES DESTE TIPO?"	FREQUÊNCIA
Sim, tendo em conta a proximidade por concelho	2
Sim, em outras cidades	1

Fonte: Inquéritos à Direção da Academia dos Saberes de Aveiro

**Quadro 17. Perguntou-se aos elementos da direção da Academia dos Saberes que tinha deaju-**

das/apoios a Universidade recebe ou gostaria de receber

AJUDAS/APOIOS	FREQUÊNCIA
Recebe apoio material pela cedência gratuita das instalações	3
Apenas temos instalações provisórias	1
Precisamos de um técnico que conduza as atividades da direção	1

Fonte: Inquéritos aos à Direção da Academia dos Saberes de Aveiro

**Quadro 18. Perguntou-se aos dos elementos da direção da Academia se o público-alvo é homo ou heterógeneo**

HOMO OU HETEROGENEIDADE	FREQUÊNCIA
Heterogéneo social e culturalmente	1
Mais feminino	2

Fonte: Inquéritos à Direção da Academia dos Saberes de Aveiro

**Quadro 19. Perguntou-se aos elementos da direção da Academia dos Saberes o que seria necessário para frequentar uma universidade sénior**

REQUISITOS PARA FREQUENTAR UMA UNIVERSIDADE SÉNIOR	FREQUÊNCIA
Disponibilidade em tempo e economicamente	3
Estar na reforma e vivo	1
Ter mais que 50 anos	1
Mostrar interesse em participar na vida da Academia	2

Fonte: Inquéritos à Direção da Academia dos Saberes de Aveiro

**Quadro 20. Perguntou-se aos elementos da direção da Academia dos Saberes de Aveiro como tem evoluído o Modelo de Gestão**

EVOLUÇÃO DO MODELO DE GESTÃO	FREQUÊNCIA
Tem evoluído ao longo do tempo enquanto existem pessoas disponíveis para assumir essa responsabilidade	2
A gestão é exercida pela direção mas aberta às opiniões dos associados	1
Inicialmente era só um grupo de amigos, hoje contam com mais de 500 associados	1

Fonte: Inquéritos à Direção da Academia dos Saberes de Aveiro

**Quadro 21. Perguntou-se aos elementos da direção da Academia dos Saberes de Aveiro que pontos fortes consideram que tem o modelo de gestão**

PONTOS FORTES DO MODELO DE GESTÃO	FREQUÊNCIA
Disponibilidade para servir a colectividade	1
Modelo descentralizado	3
Atenta disponibilidade da direção em estimular a vida associativa	2
Todos voluntários com espírito de ajuda muito forte	3

Fonte: Inquéritos à Direção da Academia dos Saberes de Aveiro

**Quadro 22. Perguntou-se aos elementos da direção da Academia dos Saberes de Aveiro que pontos fracos consideram que tem o modelo de gestão**

PONTOS FRACOS DO MODELO DE GESTÃO	FREQUÊNCIA
Pouca concorrência para renovar as direções	1
Precariedade das instalações	1
“Por vezes há demasiado trabalho e o cansaço dificulta a realização de algo mais”	2

Fonte: Inquéritos à Direção da Academia dos Saberes de Aveiro

**Quadro 23. Perguntou-se aos elementos da direção da Academia dos Saberes de Aveiro se existirá um modelo ideal? Porquê?**

MODELO IDEAL?	FREQUÊNCIA
Com a integração de uma instituição pública para garantir continuidade, como a Universidade de Aveiro, a Câmara Municipal, Instituto de desigualdade social	3
Procura constante em melhorar	3

Fonte: Inquéritos à Direção da Academia dos Saberes de Aveiro

#### 5.4. UNIVERSIDADE SÉNIOR DE CACIA – INQUÉRITOS AOS FORMANDOS

**Quadro 1. Idade dos formandos da Universidade de Cacia**

IDADES	FREQUÊNCIA
50-60	5
61-70	13
71-80	6
81-90	1
Total	25

Fonte: Inquéritos aos formandos da Universidade Sénior de Cacia

**Quadro 2. Sexo dos formandos da Academia dos Saberes**

SEXO	FREQUÊNCIA
Feminino	17
Masculino	8
Total	25

Fonte: Inquéritos aos formandos da Universidade Sénior de Cacia

**Quadro 3. Última profissão exercida pelos formandos da Universidade Sénior de Cacia**

PROFISSÃO EXERCIDA	FREQUÊNCIA
Administrativo	2
Bancário	1
Doméstico	1
Empregado de Balcão	2
Empregado de supermercado	3
Enfermeiro	1
Fotografia	1
Operário fabril	4
Operário têxtil	6
Técnico de manutenção industrial	2
Vulcanizador	2
Total	25



Fonte: Inquéritos aos formandos da Universidade Sénior de Cacia

**Quadro 4. Residência dos formandos da Universidade Sénior de Cacia**

FREGUESIA	FREQUÊNCIA
Cacia	20
Esgueira	2
Santa Joana	1
Valongo do Vouga	2
Total	25

Fonte: Inquéritos aos formandos da Universidade Sénior de Cacia

**Quadro 5. Tempo de frequência na instituição dos formandos da Universidade Sénior de Cacia**

TEMPO DE FREQUÊNCIA	FREQUÊNCIA
Meses	1
1 ano	3
2 anos	4
3 anos	10
4 anos	7
Total	25

Fonte: Inquéritos aos formandos da Universidade Sénior de Cacia

**Quadro 6. Perguntou-se aos formandos da Universidade Sénior de Cacia, que outras instituições haviam frequentado**

Não obtive nenhuma resposta nesta pergunta
--

Fonte: Inquéritos aos formandos da Universidade Sénior de Cacia

**Quadro 7. Perguntou-se aos formandos da Universidade Sénior de Cacia a razão de mudar da instituição em que se encontrava anteriormente**

Não obtive nenhuma resposta nesta pergunta

Fonte: Inquéritos aos formandos da Universidade Sénior de Cacia

**Quadro 8. Pediu-se aos formandos da Universidade Sénior de Cacia que assinalassem as motivações para a frequência desta instituição (em que poderiam assinalar mais que uma opção)**

MOTIVOS	FREQUÊNCIA
Amizades	16
Combate à Solidão	5
Necessidade de Companhia	7
Gosto em saber mais	20
Outros, quais	Ginástica

Fonte: Inquéritos aos formandos da Universidade Sénior de Cacia

**Quadro 9. Pediu-se aos formandos da Universidade Sénior de Cacia para definir velhice no âmbito físico e mental**

CONCEITO DE VELHICE	FREQUÊNCIA
"A idade não é barreira ao estar ativo"	5
"Deus"	1
"Disciplina saúde e bem-estar ensina muito"	3
"Mais uma etapa"	7
"Não entrego-me à velhice mental"	5
"Quem é ativo não envelhece"	7
"Vontade de viver começa a diluir"	2
Adaptação	6
Alimentação saudável	3
Aprendendo	7
Aprender até morrer	8
Conhecer pessoas	6
Convívio	6
Cumprir sonhos	3
Depressão	2
Dificuldade em se movimentar	6
É bom para estar ocupada	3
Envolver a população jovem	4
Estagnamento após o final da idade laboral	2
Humanismo	6
Inactividade	2
Novas oportunidades	4

O Homem precisa de desafios constantes	7
Oportunidade que nunca tive	4
Partilha	10
Pessoas simpáticas têm sempre algo para ensinar	7
Processo natural	5
Rindo	8
Saber não ocupa lugar	7
Sair de casa	1
Todos possuem conhecimentos úteis	11

Fonte: Inquéritos aos formandos da Universidade Sénior de Cacia

**Quadro 10. Perguntou-se aos formandos Universidade Sénior de Cacia como é que a população ativa deveria olhar os idosos**

"A gratidão é a alimentação do idoso"	11
"Cuidar para mais tarde receber"	14
"Toca a todos"	20
Afecto	21
Amor	25
Carinho	23
Compreensão	19
Já foram o motor da sociedade	12
Respeito	25
Tiveram outrora uma vida construtiva	17

Fonte: Inquéritos aos formandos da Universidade Sénior de Cacia

**Quadro 11. Perguntou-se aos formandos da Universidade Sénior de Cacia o que entenderiam por envelhecimento ativo**

Atividades que fazem bem ao espírito e ao corpo	5
---	---

Fonte: Inquéritos aos formandos da Universidade Sénior de Cacia

**Quadro 12. Perguntou-se aos formandos da Universidade Sénior de Cacia, de que modo, o tempo da Academia/Universidade Sénior alterou a sua maneira de encarar a vida e o mundo. Porquê?**

Utilidade para a sociedade	21
----------------------------	----

Fonte: Inquéritos aos formandos da Universidade Sénior de Cacia

**Quadro 13. Perguntou-se aos formandos da Universidade Sénior de Cacia como se sentiam na instituição. De 1 a 3, sendo 1 razoavelmente, 2 bem e 3 muito bem**

1	--	
2		8
3		17
Total		25

Fonte: Inquéritos aos formandos da Universidade Sénior de Cacia

**Quadro 14. Pediu-se aos formandos da Universidade Sénior de Cacia que indicassem os pontos fortes desta instituição**

Instalações	--	
Docentes		6
Companheirismo		18
Formação/Novos Conhecimentos		23
Passeios		9

Fonte: Inquéritos aos formandos da Universidade Sénior de Cacia

**Quadro 15. Pediu-se aos formandos da Universidade Sénior de Cacia que indicassem os pontos fracos desta instituição**

Instalações		24
Docentes		1
Companheirismo	--	
Formação/Novos Conhecimentos	--	
Passeios		2
Outros, quais	“falta de fundos para todos os passeios”	

Fonte: Inquéritos aos formandos da Universidade Sénior de Cacia

**Quadro 16. Perguntou-se aos formandos da Universidade Sénior de Cacia o que fazer para um maior reconhecimento social e cultural desta instituição**

"Reconhecer o bem que faz aos alunos"	11
Apoio monetário	20
Autarquias envolvidas	6
Comunicação social	17
Continuar a frequentar	9
Divulgar eventos	9
Divulgar na família, na igreja, no mercado	4
Mais publicidade	9

Fonte: Inquéritos aos formandos da Universidade Sénior de Cacia

**Quadro 17. Perguntou-se aos formandos da Universidade Sénior de Cacia se gostaram de responder a este questionário**

Sim	25
Não	--
Total	25

Fonte: Inquéritos aos formandos da Universidade Sénior de Cacia

**Quadro 18. Perguntou-se aos formandos da Universidade Sénior de Cacia do que gostaram menos neste questionário?**

"Não sou reformada e sinto que o questionário é para quem não está ativo"	1
Muito extenso	1

Fonte: Inquéritos aos formandos da Universidade Sénior de Cacia

**Quadro 19. Perguntou-se aos formandos da Universidade Sénior de Cacia de que gostaram mais neste questionário**

"Interesse que a estudante mostra por este tipo de instituições"	18
Preocupação com o tema, população idosa	3

**Quadro 20. Perguntou-se aos formandos da Universidade Sénior de Cacia que outras perguntas gostariam de responder?**

Partilha de conhecimentos: jovens vs. idosos	2
Fonte: Inquéritos aos formandos da Universidade Sénior de Cacia	

**Quadro 21. Perguntou-se aos formandos da Universidade Sénior de Cacia se estariam disponíveis para participar num colóquio sobre a problemática do envelhecimento ativo**

Sim	21
Não	2
Total	23
Fonte: Inquéritos aos formandos da Universidade Sénior de Cacia	

**Quadro 22. Perguntou-se aos formandos que vantagens vêm na cooperação entre as instituições Aveiro e Cacia?**

“É sempre vantajoso conhecer fora do nosso contexto”	18
Não há cooperação é preciso conhecer mais da outra instituição	6
Honra	2
Respeito	5
Liberdade	8
Amor	11
“A união faz a força”	21
“Intercâmbio de problemas comuns para pensar nas melhores soluções”	21
Fonte: Inquéritos aos formandos da Universidade Sénior de Cacia	

**Quadro 23. Perguntou-se aos formandos que desvantagens vêm na cooperação entre as instituições**

### **Aveiro e Cacia?**

Nenhuma	24
“Fracos recursos para visitar a Academia dos Saberes”	1

Fonte: Inquéritos aos formandos da Universidade Sénior de Cacia

### **Quadro 24. Perguntou-se aos formandos de que modo as duas instituições poderiam partilhar recursos?**

“A união faz a força”	21
Completando-se	18
Conhecer e dar a conhecer mais uma e da outra	20
Convívios	17
Passeios	17

Fonte: Inquéritos aos formandos da Universidade Sénior de Cacia

## 5.5. UNIVERSIDADE SÉNIOR DE CACIA – INQUÉRITOS AOS DOCENTES

**Quadro 1. Idade dos formadores da Universidade de Cacia**

IDADE	FREQUÊNCIA
30-40	1
61-70	4
Total	5

Fonte: Inquéritos aos Docentes da Universidade Sénior de Cacia

**Quadro 2. Sexo dos formadores da Academia dos Saberes**

SEXO	FREQUÊNCIA
Feminino	3
Masculino	2
Total	5

Fonte: Inquéritos aos Docentes da Universidade Sénior de Cacia

**Quadro 3. Última profissão exercida pelos formadores da Universidade Sénior de Cacia**

PROFISSÃO	FREQUÊNCIA
Professor	5
Total	5

Fonte: Inquéritos aos Docentes da Universidade Sénior de Cacia

**Quadro 4. Residência dos formadores da Universidade Sénior de Cacia**

FREGUESIA	FREQUÊNCIA
Aveiro	2
Cacia	3



Fonte: Inquéritos aos Docentes da Universidade Sénior de Cacia

**Quadro 5. Tempo de frequência na instituição dos formadores da Universidade Sénior de Cacia**

TEMPO DE FREQUÊNCIA	FREQUÊNCIA
Meses	1
2 anos	1
3 anos	2
4 anos	1
Total	5

Fonte: Inquéritos aos Docentes da Universidade Sénior de Cacia

**Quadro 6. Perguntou-se aos formadores da Universidade Sénior de Cacia, que outras instituições haviam frequentado**

Nenhuma	5
---------	---

Fonte: Inquéritos aos Docentes da Universidade Sénior de Cacia

**Quadro 7. Perguntou-se aos formadores da Universidade Sénior de Cacia a razão de mudar da instituição em que se encontrava anteriormente**

Não obtive nenhuma resposta nesta pergunta
--

Fonte: Inquéritos aos Docentes da Universidade Sénior de Cacia

**Quadro 8. Pediu-se aos formadores da Universidade Sénior de Cacia que assinalassem as motivações para a frequência desta instituição (em que poderiam assinalar mais que uma opção)**

Amizades	--
Combate à Solidão	--
Necessidade de Companhia	--
Gosto em saber mais	--

Outros, quais	Partilha de saberes; voluntariado; Fazer o bem; Clube de leitura
---------------	---

Fonte: Inquéritos aos Docentes da Universidade Sénior de Cacia

**Quadro 9. Pediu-se aos formadores da Universidade Sénior de Cacia para definir velhice no âmbito físico e mental**

Limitação física e consequentemente mental	3
Mais uma etapa	1
“Retirar a conotação pejorativa da velhice”	1

Fonte: Inquéritos aos Docentes da Universidade Sénior de Cacia

**Quadro 10. Perguntou-se aos formadores Universidade Sénior de Cacia como é que a população ativa deveria olhar os idosos**

Respeito	5
Reconhecimento	5
“Valiosos”	2

Fonte: Inquéritos aos Docentes da Universidade Sénior de Cacia

**Quadro 11. Perguntou-se aos formadores da Universidade Sénior de Cacia o que entenderiam por envelhecimento ativo**

Atividades físicas e intelectuais	4
Continuam a contribuir para a sociedade	2
Ensinar	3
Estratégias Inovadoras	2
Partilha	5
Relações sociais	4
Trabalhar	3
Viajar	2

Fonte: Inquéritos aos Docentes da Universidade Sénior de Cacia

**Quadro 12. Perguntou-se aos formadores da Universidade Sénior de Cacia, de que modo, o tempo da Academia/Universidade Sénior alterou a sua maneira de encarar a vida e o mundo. Porquê?**

Amizades e sorrisos novos	1
Não alterou nada	2
Aprendi	1
Ouvi experiências e cresci com estas	1
Troca de saberes	1

Fonte: Inquéritos aos Docentes da Universidade Sénior de Cacia

**Quadro 13. Pediu-se aos formadores da Universidade Sénior de Cacia que indicassem os pontos fortes desta instituição**

Docentes	2
Companheirismo	3
Formação/Novos Conhecimentos	2
Outros:	“Partilhar experiências”

Fonte: Inquéritos aos Docentes da Universidade Sénior de Cacia

**Quadro 14. Pediu-se aos formadores da Universidade Sénior de Cacia que indicassem os pontos fracos desta instituição**

Instalações	5
-------------	---

Fonte: Inquéritos aos Docentes da Universidade Sénior de Cacia

**Quadro 15. Perguntou-se aos formadores da Universidade Sénior de Cacia o que fazer para um maior reconhecimento social e cultural desta instituição**

“Retirar a palavra velhice do tabu”	3
Atividades culturais	4
Comunicação social	5
Divulgação na comunidade	5
Promover intercâmbios	3

Fonte: Inquéritos aos Docentes da Universidade Sénior de Cacia

**Quadro 16. Perguntou-se aos formadores se vêm necessidade de criar mais instituições deste tipo**

Sim	5
-----	---

Fonte: Inquéritos aos Docentes da Universidade Sénior de Cacia

**Quadro 17. Perguntou-se aos formadores que tipo de ajudas/apoios a universidade recebe ou gostaria de receber?**

Não obtive nenhuma resposta nesta pergunta	
--	--

Fonte: Inquéritos aos Docentes da Universidade Sénior de Cacia

**Quadro 18. Perguntou-se aos formadores se o público-algo seria hetero ou homogéneo**

Heterogéneo	1
Predomina o sexo feminino	4

Fonte: Inquéritos aos Docentes da Universidade Sénior de Cacia

**Quadro 19. Perguntou-se aos formadores o que seria necessário para frequentar a universidade sénior**

"Fome de conhecimento"	4
Curiosidade	1
Tempo	1
Vontade	3

Fonte: Inquéritos aos Docentes da Universidade Sénior de Cacia

**Quadro 20. Perguntou-se aos formadores como evoluiu o modelo de gestão**

Facilidade em nos mantermos nas instalações paroquiais	2
Horário flexível	3
Professores voluntários	4
Programas que se preocupam com a sociedade: ex. RUTIS	2

Fonte: Inquéritos aos Docentes da Universidade Sénior de Cacia

**Quadro 21. Que pontos fortes considera que o modelo de gestão tem?**

“A nossa universidade estar envolvida na RUTIS”	4
Flexibilidade de curriculum	2

Fonte: Inquéritos aos Docentes da Universidade Sénior de Cacia

**Quadro 22. Que pontos fracos considera que o modelo de gestão tem?**

Falta de ajudas externas	5
--------------------------	---

Fonte: Inquéritos aos Docentes da Universidade Sénior de Cacia

**Quadro 23. Existirá um modelo ideal?**

Não, pois não há ajudas suficientes	4
Cada instituição procurará o seu modelo de trabalho	2

Fonte: Inquéritos aos Docentes da Universidade Sénior de Cacia

## 5.6. UNIVERSIDADE SÉNIOR DE CACIA – INQUÉRITOS À DIREÇÃO

**Quadro 1. Idade dos elementos da direção da Universidade Sénior de Cacia**

61-70	2
Total	2

Fonte: Inquéritos à Direção da Universidade Sénior de Cacia

**Quadro 2. Sexo dos elementos da direção da Universidade Sénior de Cacia**

SEXO	FREQUÊNCIA
Feminino	1
Masculino	1
Total	2

Fonte: Inquéritos à Direção da Universidade Sénior de Cacia

**Quadro 3. Última profissão exercida pelos elementos da direção da Universidade Sénior de Cacia**

PROFISSÃO	FREQUÊNCIA
Administrativo	1
Professor	1

Fonte: Inquéritos à Direção da Universidade Sénior de Cacia

**Quadro 4. Residência dos elementos da direção da Universidade Sénior de Cacia**

FREGUESIA	FREQUÊNCIA
Aveiro	2
Total	2

Fonte: Inquéritos à Direção da Universidade Sénior de Cacia

**Quadro 5. Tempo de frequência na instituição dos elementos da direção da Universidade Sénior de Cacia**

10 anos	1
11 anos	1
Total	2

Fonte: Inquéritos à Direção Universidade Sénior de Cacia

**Quadro 6. Perguntou-se aos elementos da direção que outras instituições haviam frequentado antes**

Não obtive nenhuma resposta
-----------------------------

Fonte: Inquéritos à Direção da Universidade Sénior de Cacia

**Quadro 7. Perguntou-se aos elementos da direção da Universidade Sénior de Cacia a razão de mudar da instituição em que se encontrava anteriormente**

Não obtive nenhuma resposta
-----------------------------

Fonte: Inquéritos à Direção da Universidade Sénior de Cacia

**Quadro 8. Pediu-se que os elementos da direção da Universidade Sénior de Cacia assinalassem as motivações para a frequência desta instituição (em que poderiam assinalar mais que uma opção)**

Gosto em saber mais	2
---------------------	---

Fonte: Inquéritos à Direção da Universidade Sénior de Cacia

**Quadro 9. Pediu-se aos elementos da direção da Universidade Sénior de Cacia para definir velhice no âmbito físico e mental**

Mais uma etapa da vida	2
Paciência	1

Exercício mental

1

Fonte: Inquéritos à Direção da Universidade Sénior de Cacia

**Quadro 10. Perguntou-se aos elementos da direção da Universidade Sénior de Cacia como é que a população ativa deveria olhar os idosos**

Fontes de informação	2
Respeito	2

Fonte: Inquéritos à Direção da Universidade Sénior de Cacia

**Quadro 11. Perguntou-se aos elementos da direção da Universidade Sénior de Cacia o que entendiam por envelhecimento ativo**

Mente e corpo ativos	2
Esforços diários	1

Fonte: Inquéritos à Direção da Universidade Sénior de Cacia

**Quadro 12. Perguntou-se aos elementos da direção da Universidade Sénior de Cacia, de que modo, o tempo da Academia/Universidade Sénior alterou a sua maneira de encarar a vida e o mundo. Porquê?**

Não mudou	1
-----------	---

Fonte: Inquéritos à Direção da Universidade Sénior de Cacia

**Quadro 13. Pediu-se aos elementos da direção da Universidade Sénior de Cacia que indicassem os pontos fortes desta instituição**

Docentes	2
Companheirismo	2
Formação/Novos Conhecimentos	2



Fonte: Inquéritos à Direção da Universidade Sénior de Cacia

**Quadro 14. Pediu-se aos elementos da direção da Universidade Sénior de Cacia que indicassem os pontos fracos desta instituição**

Instalações	2
Fonte: Inquéritos à Direção da Universidade Sénior de Cacia	

**Quadro 15. Perguntou-se aos elementos da direção da Universidade Sénior de Cacia o que fazer para um maior reconhecimento social e cultural desta instituição**

Maior divulgação nos media e na comunidade	2
Fonte: Inquéritos à Direção da Universidade Sénior de Cacia	

**Quadro 16. Perguntou-se aos elementos da direção da Universidade Sénior de Cacia se socialmente, vêm necessidade em criar mais instituições deste tipo**

Sim	2
Fonte: Inquéritos à Direção da Universidade Sénior de Cacia	

**Quadro 17. Perguntou-se aos elementos da direção da Universidade Sénior de Cacia que tipo de ajudas/apoios a Universidade recebe ou gostaria de receber**

Ajudas monetárias da parte da câmara	2
Fonte: Inquéritos aos à Direção da Universidade Sénior de Cacia	

**Quadro 18. Perguntou-se aos dos elementos da direção da Universidade Sénior de Cacia se o públi-**

**co-alvo é homo ou heterógeneo**

Heterogéneo	2
-------------	---

Fonte: Inquéritos à Direção da Universidade Sénior de Cacia

**Quadro 19. Perguntou-se aos elementos da direção da Universidade Sénior de Cacia o que seria necessário para frequentar uma universidade sénior**

Tempo	2
Vontade	2
Gosto em socializar	2

Fonte: Inquéritos à Direção da Universidade Sénior de Cacia

**Quadro 20. Perguntou-se aos elementos da direção da Universidade Sénior de Cacia como tem evoluído o Modelo de Gestão**

Está inserida no IDEC	2
-----------------------	---

Fonte: Inquéritos à Direção da Universidade Sénior de Cacia

**Quadro 21. Perguntou-se aos elementos da direção da Universidade Sénior de Cacia que pontos fortes consideram que tem o modelo de gestão**

Facilidade na identificação e proximidade	2
---	---

Fonte: Inquéritos à Direção da Universidade Sénior de Cacia

**Quadro 22. Perguntou-se aos elementos da direção da Universidade Sénior de Cacia que pontos fracos consideram que tem o modelo de gestão**

Muitas tarefas para os membros da comissão instaladora	2
--	---

Fonte: Inquéritos à Direção da Universidade Sénior de Cacia

**Quadro 23. Perguntou-se aos elementos da direção da Universidade Sénior de Cacia se existirá um modelo ideal? Porquê?**

Possivelmente	1
Cada instituição terá que procurar o seu	1

Fonte: Inquéritos à Direção da Universidade Sénior de Cacia

